

**TEXTOS NEPO 11**

**NUPÇIALIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

**ELZA BERQUÓ**

**FECUNDIDADE DA MULHER NEGRA: CONSTATAÇÕES E QUESTÕES**

**ALÍCIA BERCOVICH**

**MORTALIDADE INFANTIL DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA**

**ESTELA MARIA GARCIA TAMBURÓ**

**NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO - NEPO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP**

**CAMPINAS (SP) BRASIL**

**AGOSTO 1987**



NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO - NEPO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNIC  
CAMPINAS-SP-BRASIL- CAIXA POSTAL 1170

**Reitor**

Paulo Renato Costa Souza

**Pró-Reitoria de Graduação**

Bernardo Beiguelman

**Pró-Reitoria de Extensão**

José Carlos Valladão de Mattos

**Pró-Reitoria de Pesquisa**

Hélio Waldman

**Pró-Reitoria de Desenvolvimento**

Ubiratan D'Ambrósio

**Diretora do Núcleo de Estudos de População**

Elza Berquó

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Berquó, Elza

Nupcialidade da população negra no Brasil.  
Campinas, NEPO-Unicamp, 1987.

(textos NEPO, 11)

Conteúdo: pt. 2. Fecundidade da mulher negra: por Alícia Bercovich. pt.3. Mortalidade infantil da população negra brasileira 1960-1980. por Estela Maria G. Tamburo.

1. População negra-Brasil. 2. Fecundidade-população negra-Brasil. 3. Mortalidade-população negra-Brasil. I. Bercovich, Alícia. II. Tamburo, Estela Maria Garcia. III. Título. IV. Série.

CDD - 301.32

**NUPCIALIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

**Elza Berquó**

**FECUNDIDADE DA MULHER NEGRA: CONSTATAÇÕES E QUESTÕES**

**Alicia Bercovich**

**MORTALIDADE INFANTIL DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA**

**Estela Maria Garcia Tamburo**

## SUMÁRIO

|                    |    |
|--------------------|----|
| Apresentação ..... | 04 |
|--------------------|----|

### Nupcialidade da População Negra no Brasil

|  |    |
|--|----|
| 1. Introdução.....   | 08 |
| 2. Esclarecimentos Metodológicos.....  | 11 |
| 3. Estado Conjugal Segundo a Cor das Pessoas.....  | 13 |
| 4. Calendário e Intensidade da Nupcialidade,<br>Feminina e Masculina, Segundo a Cor..... | 15 |
| 5. Padrões de Casamento, por Cor.....  | 23 |
| 6. Homogamia de Cor.....   | 33 |
| 7. Homogamia de Idade ao Casar.....  | 37 |
| 8. Resumindo.....  | 43 |

### Fecundidade da Mulher Negra: Constatações e Questões

|  |    |
|--|----|
| 1. Introdução.....   | 47 |
| 2. Evolução das Taxas Cumulativas de Fecundi-<br>dade - Período 1940-1980..... | 50 |
| 2.1 Análise para Algumas Unidades da Federação.....                            | 54 |
| 3. Mulheres Sem Filhos e Prolificidade.....                                    | 57 |
| 4. Taxas de Fecundidade Total - 1940-1984.....                                 | 67 |

|  |     |
|--|-----|
| 5. Fecundidade por Cor e Grupos de Instrução da Mãe.....     | 77  |
| 6. Fecundidade Marital.....                                  | 85  |
| 6.1 Fecundidade Marital e Instrução.....                     | 89  |
| 7. Algumas Questões Metodológicas.....                       | 92  |
| 7.1 O Problema de Comparabilidade da Classi-<br>ficação..... | 92  |
| 7.2 Os Dados do Censo de 1960 e a comparabilidade 1980       | 93  |
| 7.3 Técnicas Utilizadas.....                                 | 94  |
| 7.4 Seleção das Unidades de Análise.....                     | 95  |
| 8. Considerações Finais.....                                 | 96  |
| Bibliografia.....  | 100 |

### Mortalidade Infantil da População Negra Brasileira

|  |     |
|--|-----|
| 1. Introdução.....   | 104 |
| 2. Mortalidade Infantil e Alguns Diferenciais.....                             | 106 |
| 2.1 Mortalidade Infantil para o Brasil<br>e Algumas Unidades da Federação..... | 106 |
| 2.2 Alguns Diferenciais da Mortalidade Infantil.....                           | 113 |
| 3. Comentários Finais.....   | 119 |
| 4. Aspectos Metodológicos.....   | 121 |
| 4.1 Dados Básicos.....   | 121 |
| 4.2 Técnicas de Mensuração.....  | 125 |
| 5. Bibliografia.....   | 127 |

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| Lista de Publicações - NEPO..... | 129 |
|----------------------------------|-----|

## APRESENTAÇÃO

No presente texto são apresentados três trabalhos, produto da investigação que vem sendo desenvolvida no Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas sobre a DINÂMICA DEMOGRÁFICA DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA.

Em publicação anterior foram investigadas, para os momentos censitários de 1940, 1950, 1960 e 1980, as diferenças do subgrupo classificado como preto em relação ao branco e pardo, tanto no que se refere ao seu peso relativo na composição da população segundo a cor, como nas taxas de crescimento e estrutura por sexo e idade.

Na publicação que ora se apresenta - de caráter basicamente descritivo - trata-se de contribuir ao conhecimento acerca dos padrões de nupcialidade da população negra brasileira, tendo como contraponto natural a população branca, abordando temas tais como: chances de casamento e recasamento, tipos de união, idade média ao casar, uniões exogâmicas e endogâmicas, etc

Também são estudados os níveis e tendências da fecundidade da população negra ao longo do século, com intuito de começar a compreender sua evolução, nas suas semelhanças e diferenças com os demais grupos de cor.

Por último, faz-se uma breve descrição das desigualdades encontradas nos níveis de mortalidade infantil entre os filhos de mães classificadas segundo as três subpopulações consideradas.

Uma vez que a estrutura da população segundo a cor é bastante heterogênea nas distintas Unidades da Federação do país, foram consideradas para a presente análise quatro delas que representassem um gradiente com relação à proporção de brancos, pardos e pretos.

Assim, os Estados escolhidos foram: Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, nos quais, segundo o censo de 1980, a proporção de brancos variou de 21,8% a 87,2% respectivamente.

Com o objetivo de obter uma caracterização sócio-econômica e cultural dos três subgrupos em estudo, foram incorporados, nesta fase da investigação variáveis tais como níveis de instrução, estado conjugal e situação de domicílio.

Numa futura publicação serão analisados níveis de renda e ocupação que permitirão mostrar as desigualdades em função da inserção no mercado de trabalho que, por sua vez, determinará a posição sócio-econômica e, portanto, as condições materiais de vida das três subpopulações. Tais desigualdades deverão refletir-se em comportamentos diferenciais de nupcialidade, fecundi-

dade e mortalidade.

Finalmente, com o objetivo de complementar o estudo da dinâmica demográfica da população negra no Brasil encontra-se em andamento um estudo no sentido de possibilitar uma visão integradora das três variáveis anteriores, bem como considerações sobre formas e eventuais mudanças na família negra. Além disso, a incorporação de estudos sobre a migração, faz parte da pauta de preocupações das autoras.

**NUPCIALIDADE DA  
POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

**ELZA BERQUÓ**

# NUPCIALIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL

Elza Berquó

## 1. INTRODUÇÃO

As notas contidas neste texto visam contribuir para reduzir o vácuo existente quanto aos estudos dos padrões de casamento da população negra no Brasil.

Uma das principais razões para esta constatação é válida também para os estudos da nupcialidade em geral, que no campo da demografia se encaixavam até bem pouco tempo dentro de uma perspectiva que tratava a nupcialidade como instância mediadora, ou variável de controle, para os estudos dos níveis, padrões e tendências da fecundidade.

Se por um lado esta concepção permitiu consideráveis avanços na produção de conjuntos de modelos integradores destas duas dimensões com ganhos inclusive no tratamento analítico dos parâmetros da nupcialidade, por outro, os estudos que a consideram como um tema próprio, não vinculado necessariamente à área da reprodução biológica são mais recentes.

Movida pelas rápidas mudanças que se vêm processando na sociedade contemporânea, principalmente urbana, quanto às formas de arranjos para viver e conviver, a pesquisa se defronta com questões novas que suscitam, para seu avanço, a ampliação do espectro multi e interdisciplinar.

Na medida em que a primeira união se dá precocemente ou mostre sinais de significativa postergação, em que as uniões se tornem cada vez menos estáveis, em que os tipos de relacionamentos hetero e homossexual se diversificam, em que o individualismo abre caminho à direção do futuro, em que a noção de família se modifica e se reveste de variados significados, em que três gerações de adultos passam a coexistir dentro de um mesmo ramo familiar — tudo isto acontecendo simultaneamente no mesmo espaço geográfico — pode-se de conta da necessidade de estudos que contribuam no sentido da compreensão mais profunda destes processos de mudança. Esta necessidade tem sido a alavanca motivadora de todo um complexo de pesquisas no campo da nupcialidade, que começa a se esboçar em nosso meio.

Entretanto, o pesquisador que decide enveredar por esta trilha ainda encontra sérias dificuldades quanto à existência de informações pertinentes, ou quanto à disponibilidade daquelas existentes. Este é o caso, como se verá na sessão 2 destas notas, se se pretende estudar a nupcialidade da população negra, tendo como contraponto natural, a população branca.

Ainda assim a pretensão ao tomar este tema é tentar responder, a partir de informações já existentes, a indagações do seguinte tipo: as chances de casamento são diferenciais por sexo, com interações distintas conforme a cor? Os tipos de união legalizadas e consensuais são mais prevalentes em um determinado segmento de cor? As idades médias ao casar da mulher e do homem variam para pretos, brancos e pardos? E ainda conforme o tipo de união? As chances de recasamento para mulheres é a mesma que para os homens, para uma dada subpopulação de cor, e variam de uma subpopulação a outra? Exi

te uma endogamia por cor, ou seja, as pessoas se casam mais frequentemente dentro de sua subpopulação de cor? Qual dos sexos rompe mais esta norma entrando em uniões exogâmicas por cor? Isto depende do tipo de união conjugal? A norma tradicional do homem ser alguns anos mais velho do que a mulher, no casamento, sofre alterações nos casamentos endogâmicos e exogâmicos por cor? Etc.

A este conjunto de questionamentos junte-se, entre outros, o papel do nível de renda, da ocupação, do grau de instrução e da situação rural-urbana da residência, os quais não foram, na etapa atual de trabalho, incorporados na análise, cujo estudo se constituirá e uma publicação subsequente.

Neste sentido, conta-se com a tolerância do leitor por defrontar-se com um trabalho de caráter estritamente descritivo.

## 2. ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo da nupcialidade segundo a cor, torna-se impossível através dos dados censitários publicados, pois não há nenhuma tabela que considere informações do tipo — estado conjugal, idade, sexo e cor — minimamente necessária para obtenção de estimativas indiretas da idade média ao casar e do celibato, para ambos os sexos, conforme a cor. Da mesma forma, não se pode conhecer o estado conjugal das pessoas, por sexo e por cor.

Outra limitação insolúvel reside na ausência de certos quesitos nos censos, tais como: a idade ao casar ou a data do casamento, a idade ao término ou duração da união, o número de uniões, o recasamento etc. Estas informações, se existentes, permitiriam conhecer o tecido das relações conjugais, pelos diferentes tipos de união, qualificados por grupo social e, em especial, para as subpopulações de brancos, pretos e pardos. Na verdade, a PNAD 1984 incluiu informações desta natureza exatamente com este propósito. Não há até momento, entretanto, divulgação oficial dos resultados desta, no que concerne à nupcialidade e, muito menos, por cor.

Ainda outro ponto que merece destaque é a dificuldade para uma análise de tendência das estimativas dos parâmetros da nupcialidade por cor. Se é certo que este quesito esteve presente nos censos brasileiros de 1940, 1950 e 1960, tabulações especiais seriam impossíveis no caso dos dois primeiros, uma vez que as informações originais não existem mais. Com relação ao censo de 1960, algumas tabulações especiais foram possíveis quanto ao estado conjugal e tipo de união, segundo a cor dos cônjuges. Mesmo neste caso não se dispõe da informação para todos os Estados, o que significa que aqui

— Brasil 1960 — refere-se a um total do qual estão excluídos Estados do Maranhão, Espírito Santo, Piauí, Guanabara, Santa Catarina, Rondônia, Roraima, Amapá, Amazonas e Pará. Neste sentido, os efeitos comparativos quanto ao estado conjugal e padrões de casamento — Brasil 1980 — inclui somente aqueles mesmos Estados.

O vazio provocado na série temporal pela ausência do quesito de cor no censo de 1970, cujas tabulações especiais seriam exequíveis, é um fator agravante na série de dificuldades encontradas para investigações neste campo.

Por tudo isto, o presente trabalho centrou seu enfoque no ano 1980 e as análises que serão aqui feitas basear-se-ão em tabulações especiais da amostra de 3%. Somente o estudo do estado conjugal dos tipos de união por cor incluirão comparações entre 1960 e 1980. Vale salientar também que por união entende-se aquela atual, na data do censo, nem sempre a primeira, embora o seja na grande maioria dos casos.

O recorte geográfico será o país como um todo e, sempre que possível, abrangerá as quatro Unidades da Federação, a saber, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, por representarem verdadeiro gradiente quanto à presença da subpopulação branca em seus totais populacionais (Tabela 1).

TABELA 1 - Composição da população, segundo cor, para Unidades da Federação, 1980

| COR    | BAHIA | MINAS<br>GERAIS | SÃO<br>PAULO | RIO GRANDE<br>DO SUL |
|--------|-------|-----------------|--------------|----------------------|
| Branca | 21,8  | 57,3            | 74,7         | 87,2                 |
| Parda  | 67,0  | 34,3            | 20,7         | 8,6                  |
| Preta  | 11,2  | 8,4             | 4,6          | 4,2                  |

FONTE: Censo Demográfico de 1980. FIBGE.

### 3. ESTADO CONJUGAL SEGUNDO A COR DAS PESSOAS

Antes de se procurar saber com que idade se casam, com quem se casam, que tipo de união preferem, e como variam estes parâmetros nupcialidade segundo a cor, vale a pena, em primeiro lugar, conhecer como se distribuem as três subpopulações quanto ao estado conjugal.

Um corte transversal feito pelo censo de 1980 revelou que o contingente de mulheres casadas atingiu o maior valor entre as brancas reduzindo-se bastante para as pretas (Tabela 2). Em contraposição, é no universo destas que as proporções de solteiras, viúvas separadas atinge os maiores valores totalizando mais de 50% de mulheres pretas sem cônjuge. Reflexo de uma mortalidade adulta mais elevada para os pretos, é a alta proporção de mulheres pretas viúvas

TABELA 2 - Distribuição das mulheres por estado conjugal segundo a cor. Brasil

| ESTADO<br>CONJUGAL | 1960   |       |       | 1980   |       |       |
|--------------------|--------|-------|-------|--------|-------|-------|
|                    | Branca | Parda | Preta | Branca | Parda | Preta |
| Casada             | 59,9   | 54,2  | 47,2  | 57,4   | 54,1  | 47,1  |
| Solteira           | 29,2   | 32,9  | 36,8  | 30,0   | 32,8  | 35,8  |
| Separada(*)        | 2,4    | 4,2   | 4,8   | 3,2    | 3,8   | 4,4   |
| Viúva              | 8,3    | 8,6   | 11,1  | 8,3    | 7,5   | 10,6  |
| Sem declaração     | 0,2    | 0,1   | 0,1   | 1,1    | 1,8   | 2,1   |

(\*) Inclui separadas, desquitadas e divorciadas.

Quanto às pardas, situam-se numa posição intermediária entre brancas e pretas, com relação a todas as categorias do estado conjugal.

Uma visão retrospectiva até o ano 1960 mostra que em vinte anos muito pouco se alterou o cenário matrimonial no Brasil. Para as brancas era um pouco menor a proporção de separadas e maior o de casadas. Caíram também um pouco, em 1980, as proporções de viúvas pardas e pretas, refletindo certo declínio na mortalidade adulta para estas duas subpopulações.

É interessante observar que o decréscimo de casadas e o consequente aumento de solteiras, de separadas e de viúvas quando se passa das mulheres brancas às pretas, se repete nas quatro Unidades da Federação consideradas na Tabela 3. Ou seja, esta regularidade no comportamento conjugal, quanto à cor, parece independer do peso relativo que em cada contexto cada uma destas subpopulações representa em

lação ao total de sua população. As mulheres pretas, como se veu ao longo deste trabalho, são as menos favorecidas quanto às chances de uma união. As pardas, conquanto se situem em posição intermediária entre pretas e brancas, estão muito mais próximas destas últimas.

TABELA 3 - Distribuição das mulheres por estado conjugal, segundo a cor, em algumas Unidades da Federação, em 1980

| ESTADO CONJUGAL | BAHIA  |       |       | MINAS GERAIS |       |       | SÃO PAULO |       |       | RIO GRANDE DO SUL |       |       |
|-----------------|--------|-------|-------|--------------|-------|-------|-----------|-------|-------|-------------------|-------|-------|
|                 | Branca | Parda | Preta | Branca       | Parda | Preta | Branca    | Parda | Preta | Branca            | Parda | Preta |
| Casada          | 55,9   | 53,8  | 46,5  | 54,3         | 52,3  | 45,0  | 59,0      | 55,8  | 46,9  | 58,7              | 54,5  | 48,1  |
| Solteira        | 30,8   | 32,6  | 35,4  | 34,0         | 35,4  | 38,6  | 28,3      | 32,0  | 36,3  | 29,2              | 31,3  | 35,1  |
| Separada        | 3,1    | 3,5   | 4,5   | 2,3          | 2,5   | 2,8   | 3,3       | 4,2   | 4,9   | 2,7               | 3,6   | 4,1   |
| Viúva           | 7,9    | 7,4   | 9,9   | 8,5          | 8,7   | 12,1  | 8,4       | 6,8   | 10,3  | 8,5               | 9,4   | 10,1  |
| Sem declaração  | 2,3    | 2,8   | 3,4   | 0,9          | 1,1   | 1,5   | 1,0       | 1,2   | 1,6   | 0,9               | 1,2   | 1,1   |

#### 4. CALENDÁRIO E INTENSIDADE DA NUPCIALIDADE, FEMININA E MASCULINA SEGUNDO A COR

No Brasil, muito pouco tem se alterado o calendário e a intensidade da nupcialidade, tanto para os homens como para as mulheres<sup>(1)</sup>.

Entre 1960 a 1980, a idade média à primeira união para os homens passou

(1) GOLDANI, A.M. & WONG, L.R. - Padrões e Tendências da Nupcialidade no Brasil. São Paulo, Anais do Segundo Encontro Nacional de Estudos Populacionais ABEP, 1980.

de 25.8 para 25.3 anos, e de 22.2 a 22.6 anos, para as mulheres. A diferença média, que era de 3.6 caiu para 2.7 anos, entre a idade dos cônjuges, nos vinte anos considerados<sup>(2)</sup>. O celibato definitivo, isto é, a proporção dos que ainda estão solteiros aos 50 anos de idade, variou de 8,7% a 8,1% para as mulheres, e de 6,2% a 6,1% para os homens, no mesmo período<sup>(3)</sup>.

Quando se analisa estes parâmetros, separadamente, para cada uma das três subpopulações: branca, parda e preta, observa-se, entretanto, algumas características bastante significativas (Tabela 4).

TABELA 4 - Idades médias de primeira união e celibato definitivo, para homens e mulheres, segundo cor. Brasil 1980<sup>(\*)</sup>

| COR    | MULHERES       |          | HOMENS         |          | DIFERENÇA NA IDADE AO CASAR |
|--------|----------------|----------|----------------|----------|-----------------------------|
|        | Idade ao Casar | Celibato | Idade ao Casar | Celibato |                             |
| Branca | 22.7           | 7.7      | 25.7           | 5.5      | 3.0                         |
| Parda  | 22.5           | 8.0      | 25.4           | 5.2      | 2.9                         |
| Preta  | 23.4           | 13.4     | 26.3           | 7.8      | 3.1                         |

(2) BERQUÓ, E. - "Pirâmide da Solidão?". Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Águas de São Pedro, 1986.

(3) BERQUÓ, E., op.cit.

(\*) Os "ignorados" quanto ao estado conjugal foram distribuídos de quatro maneiras distintas:

- a) igualmente pelas várias categorias;
- b) 100% na categoria de casados;
- c) 100% na categoria de solteiros;
- d) retirados totalmente.

Os cálculos baseados nas pressuposições a) e b) produziram resultados muito semelhantes. Adotou-se b).

Em primeiro lugar, vale a pena notar a grande semelhança, quanto estes parâmetros da nupcialidade, entre as subpopulações branca e parda, quando se leva em conta, de um lado, as mulheres, e de outro, os homens. De fato, as brancas e pardas se casam, em média com 22.7 e 22.5 anos, respectivamente, e ainda estão solteiras aos 50 anos, 7,7% das brancas e 8,0% das pardas. Quanto aos homens o casamento se dá mais tarde e, por volta dos 25.7 anos para os brancos e 25.4 para os pardos, sendo o celibato definitivo da ordem de 5,5% e 5,2%, respectivamente. Ou seja, se mantém o desfavorecimento das mulheres, com relação aos homens, quanto às chances de se casarem. Além disso, o celibato feminino para estas duas subpopulações são muito similares ao da população total feminina que, como vimos, apresentou um celibato de 8,1%.

Destaca-se, nesta análise, a subpopulação preta, para a qual mulheres e homens se casam mais tardiamente e com menor intensidade. Além disso, para esta subpopulação, o celibato feminino é acentuadamente maior do que o masculino, quando comparado às subpopulações branca e parda.

Chama a atenção, por outro lado, a regularidade na diferença entre as idades ao casar, de homens e mulheres, para as três subpopulações e que se mantém em praticamente três anos.

O confronto destes dados com os de Monteiro<sup>(4)</sup>, Tabela 5, é revelador de uma situação estável, no que tange à idade das mulheres

---

(4) MONTEIRO, Ronaldo Jeolas - "Analyse de la nupcialité brésilienne entre 1940 et 1970" (Tese de mestrado não publicada), Université Catholique de Louvain, Dep. de Demographie, Louvain-la-Neuve, 1979.

primeira união, nos últimos trinta anos. Em outras palavras, as mulheres pretas se casaram e continuaram a se casar mais tarde do que as brancas e pardas. Já para os homens foi um pouco reduzida a idade ao casar, de forma mais acentuada para os pardos.

TABELA 5 - Idades médias de primeira união e celibato definitivo, para homens e mulheres, segundo cor. Brasil 1950

| COR    | MULHERES             |          | HOMENS               |          | DIFERENÇA<br>NA IDADE<br>AO CASAR |
|--------|----------------------|----------|----------------------|----------|-----------------------------------|
|        | Idade<br>ao<br>Casar | Celibato | Idade<br>ao<br>Casar | Celibato |                                   |
| Branca | 22,4                 | 9,5      | 26,2                 | 8,2      | 3,8                               |
| Parda  | 22,8                 | 17,1     | 26,7                 | 12,9     | 3,9                               |
| Preta  | 23,6                 | 23,4     | 27,0                 | 16,3     | 3,4                               |

FONTE: MONTEIRO, R.J., *op.cit.*

Observação: O autor denomina as subpopulações parda e preta, respectivamente, de mestiça e negra.

Grande alteração se verificou na intensidade da nupcialidade. Em 1950 o celibato feminino era extremamente elevado para as pardas pretas, representando para as primeiras mais do que o dobro daquele verificado em 1980. O gradiente era bem claro com maior intensidade de casamentos para brancas, seguidas pelas pardas, com as pretas em último lugar. Como se vê, durante os trinta anos, a posição relativa das pardas se modificou, a ponto de praticamente se igualar às brancas, como já referido anteriormente. A redução no celibato que se deu para os três grupos, foi muito menos intensa para as brancas.

Para os homens, manteve-se a regra deles se casarem mais do que as mulheres, dos brancos se casarem mais do que os pardos, e estes mais do que os pretos. As reduções foram maiores para os pardos e pretos. Ou seja, em 1950 ficava claro tratar-se de três subpopulações, o que se foi modificando, no tempo, com os pardos apresentando o comportamento nupcial cada vez mais semelhante aos dos brancos.

Quanto à diferença na idade ao casar, de homens e mulheres, ela apresentava valores muito próximos em 1950, em níveis um pouco acima daqueles observados em 1980.

Em que pese o fato de que a disponibilidade de parceiros de ambos os sexos seja apenas um, dentre muitos, dos fatores que podem influenciar o nível do celibato, em sociedades tipicamente monogâmicas<sup>(5)</sup>, vale a pena observar o equilíbrio ou desequilíbrio entre os sexos para cada uma das subpopulações. Em trabalho anterior<sup>(6)</sup> vimos que a razão de sexos, em 1980, para brancos foi igual a 96.3 homens para 100 mulheres, sendo de 101.6 para pretos e de 101.8 para pardos. Além disso, para pretos, a superioridade masculina se mantinha até 30 anos e, a partir daí, a tendência era revertida. Deste ponto de vista, é de se estranhar que justamente as mulheres pretas que contam com um excedente de homens pretos, acabem por ter menores chances de encontrar parceiros para se casar. Como se verá mais adiante, o excesso de mulheres na subpopulação branca deve levá-las a competirem, com sucesso, com as pardas e pretas, no mercado matrimonial.

---

(5) DIXON, R.B. - Late Marriage and non-marriage as demographic response: are they similar? Population Studies, 32: 449-466, 1978.

(6) BERQUÓ, E., BERCOVICH, A., GARCIA, E.M. - Estudo da dinâmica demográfica da população negra no Brasil. Campinas, NEPO/UNICAMP, 1986 (Textos NEPO, 9).

Considerando-se as Unidades da Federação, observa-se que São Paulo reproduz exatamente a situação observada para o país como um todo (Tabela 6), o que se compreende por ser um estado que recebe migrantes de todo o território nacional, possuindo além disso razões sexuais, para cada subpopulação, muito similares àquela registrada no Brasil (Tabela 7). Monteiro<sup>(7)</sup> mostra que em 1950, as brancas casavam com 22.5 anos, cabendo às pardas e pretas, 22.1 e 23.2 anos respectivamente. Ou seja, houve um ligeiro aumento na idade ao casar, mais acentuado para pardas e pretas.

Por outro lado, na Bahia, muito embora o celibato das mulheres pretas continue superior ao das brancas e pardas, para estas, e mais especificamente para as brancas, ele é também mais elevado do que para o resto do país. Por outro lado, é pequeno o percentual de homens brancos e pardos, e mesmo de pretos, que não se casaram. Este fenômeno deve ser resultado do grande déficit de homens brancos nas faixas etárias de 20 a 50 anos, onde as razões de sexo variam de 80 a 89 homens para 100 mulheres. Neste contexto onde os brancos e pretos são minoria (Tabela 1) e 67% são declarados pardos, é de se supor que as mulheres brancas, não dispondo de parceiros brancos para o casamento, não encontrem, por outro lado, chances de competição com as pardas e pretas, no mesmo nível, como acontece, por exemplo, em São Paulo. Com referência à idade ao casar das mulheres houve redução entre 1950 e 1980; de fato, as pretas tiveram uma redução de 1.9 anos, cabendo às pardas 0.9 anos e 0.6 anos às brancas

---

(7) MONTEIRO, R. J., op. cit.

TABELA 6 - Calendário e intensidade da nupcialidade, por sexo, segundo a cor, para Unidades da Federação, 1980

| COR               | MULHERES                   |               | HOMENS                     |               | DIFERENÇA<br>NA IDADE<br>MÉDIA<br>AO CASAR |
|-------------------|----------------------------|---------------|----------------------------|---------------|--|
|                   | Idade<br>Média<br>ao Casar | Celibato<br>% | Idade<br>Média<br>ao Casar | Celibato<br>% |  |
| BAHIA             |                            |               |                            |               |  |
| Branca            | 22,3                       | 9,7           | 26,1                       | 5,1           | 3,8  |
| Parda             | 22,5                       | 8,8           | 25,8                       | 5,2           | 3,3  |
| Preta             | 23,0                       | 14,2          | 25,9                       | 6,8           | 2,9  |
| MINAS GERAIS      |                            |               |                            |               |  |
| Branca            | 22,8                       | 11,3          | 26,7                       | 7,0           | 3,9  |
| Parda             | 23,2                       | 8,7           | 26,2                       | 5,6           | 3,0  |
| Preta             | 24,0                       | 15,1          | 26,9                       | 8,0           | 2,9  |
| SÃO PAULO         |                            |               |                            |               |  |
| Branca            | 22,8                       | 7,0           | 25,9                       | 5,8           | 3,1  |
| Parda             | 22,7                       | 7,0           | 25,6                       | 5,5           | 2,9  |
| Preta             | 23,9                       | 13,7          | 26,8                       | 8,0           | 2,9  |
| RIO GRANDE DO SUL |                            |               |                            |               |  |
| Branca            | 22,6                       | 7,9           | 25,4                       | 4,8           | 2,8  |
| Parda             | 22,1                       | 10,4          | 25,0                       | 7,3           | 2,9  |
| Preta             | 24,1                       | 11,4          | 25,9                       | 9,9           | 1,8  |

TABELA 7 - Razão de sexos, segundo a cor, para Unidades da Federação, 1980

| COR    | BAHIA | MINAS<br>GERAIS | SÃO<br>PAULO | RIO GRANDE<br>DO SUL |
|--------|-------|-----------------|--------------|----------------------|
| Branca | 90,9  | 97,0            | 98,3         | 97,8                 |
| Parda  | 99,2  | 103,1           | 106,7        | 102,4                |
| Preta  | 101,9 | 101,4           | 100,8        | 99,4                 |

Este fenômeno de alto celibato feminino para as mulheres brancas ainda mais acentuado em Minas Gerais, mesmo sendo a população branca maioria nesse Estado (Tabela 1). Também o celibato masculino o mais elevado, a despeito de haver, na faixa etária de 20 a 50 anos, um excesso de mulheres, traduzido na razão de sexos de 94 homens para 100 mulheres. De uma maneira geral, tanto os homens com as mulheres se casam um pouco mais tarde, nas três subpopulações.

Para a análise mais aprofundada do celibato nestes dois contextos não se pode dispensar as considerações sobre a migração interna por sexo e cor, dados de que não dispomos no momento presente.

Por outro lado, variaram pouco as idades ao casar para as mulheres, entre 1950 e 1980, principalmente para as pretas. Com efeito estas idades foram de 22,3, 22,4 e 23,9 para brancas, pardas e pretas, respectivamente.

O Rio Grande do Sul, possuindo 87% de população branca e um pequeno déficit de homens brancos (97 homens para 100 mulheres), acaba por registrar o menor índice de celibato masculino (4,8%), cabendo a

feminino um valor superior ao do país (7,9%). Sendo pretos e pardos minorias, o preconceito deve ser mais acentuado, o que dificulta quantitativa e qualitativamente a possibilidade das mulheres brancas buscarem casamentos fora de sua subpopulação. Daí ser significativamente menor o celibato das mulheres pretas. Por outro lado, o das pardas também cresceu, em que pese o fato de que dos 20 aos 50 anos as razões de sexo favoreçam as mulheres, pelo superávit de homens. Estes dados podem ser um indicador de que neste contexto as pretas competiram, com sucesso, com as pardas na procura de homens mais claros, reduzindo-lhes as chances. Fala neste sentido também o alto celibato de homens pretos.

Merece destaque também o fato de que as mulheres pardas tiveram nos últimos trinta anos, uma redução de 1.6 anos na idade ao casar enquanto que as pretas e brancas praticamente não apresentaram mudanças.

##### 5. PADRÕES DE CASAMENTO, POR COR

Já tivemos oportunidade de salientar que vem se alterando nas últimas décadas os padrões de casamento na sociedade brasileira<sup>(8)</sup>. As uniões de tipo civil e religioso continuam majoritárias, porém com leve tendência ao declínio nas áreas urbanas (Tabela 8). Crescem as preferências dos casais pelas uniões legalizadas, estricto sensu,

---

(8) BERQUÓ, Elza & LOYOLA, Maria Andréa Rios - União dos sexos e estratégias reprodutivas no Brasil. Campinas, Revista Brasileira de Estudos de População, v. 1, nº 1/2, pág. 35, jan./dez., 1984.

o que se dá tanto nos meios urbanos como rurais. Fato marcante o aumento das uniões consensuais, que cresceram de 81% para o total do país, cabendo às áreas rurais 74% de aumento, ficando o meio urbano responsável por maior parcela deste crescimento, ou seja, 78%. Tudo isto ocorrendo simultaneamente com uma queda drástica, de 60% nas uniões só religiosas, que declinaram de forma mais suave entre 1960 e 1970, isto é, de 29%, para terem esta diminuição acentuada na década seguinte, atingindo 44%. Mais freqüentes nos meios rurais, representando quase 30% do total das uniões, em 1960, apresentaram um descenso da ordem de 44% para atingir, em 1980, um patamar superior àquele que caracterizava a população urbana, em 1980.

TABELA 8 - Mulheres casadas classificadas segundo o tipo de união. Brasil 1960 e 1980

|                 | TOTAL |      |      | URBANO |      |      | RURAL |      |      |
|-----------------|-------|------|------|--------|------|------|-------|------|------|
|                 | 1960  | 1970 | 1980 | 1960   | 1970 | 1980 | 1960  | 1970 | 1980 |
| Civil+Religioso | 60,5  | 64,6 | 63,8 | 70,4   | 71,4 | 66,7 | 52,0  | 55,4 | 57,5 |
| Civil           | 12,8  | 14,1 | 16,3 | 13,6   | 14,6 | 16,9 | 12,2  | 13,3 | 15,1 |
| Religioso       | 20,2  | 14,4 | 8,1  | 9,1    | 6,6  | 4,1  | 29,7  | 24,9 | 16,8 |
| Consensual      | 6,5   | 6,9  | 11,8 | 6,9    | 7,4  | 12,3 | 6,1   | 6,4  | 10,6 |

Isto posto, nosso interesse no que segue é proceder a uma análise sobre os tipos de união, separadamente, para mulheres brancas, pardas e pretas.

Em que pese, o fato de que estas três subpopulações acompanhem, e linhas gerais, as tendências observadas para o total da população como se verá, certas nuances as diferenciam (Tabela 9).

Em primeiro lugar, vale a pena salientar que as uniões de tipo civil e religioso eram, em 1960, as mais freqüentes para as três subpopulações, embora com menor intensidade para as pardas e pretas.

As uniões só religiosas ocupavam o segundo lugar na preferência dos três grupos de mulheres, sendo, entretanto, mais freqüentes entre as pardas, seguidas pelas pretas. O vínculo só civil, vindo em terceiro lugar, com pequena diferença para os três grupos, seguido pelas uniões consensuais que, exceção feita às pretas, foram minoritárias, em 1960 (Gráficos 1, 2 e 3).

Nos vinte anos que se seguiram, as uniões civil e religioso continuaram a receber a preferência, tendo havido mesmo um certo aumento significativo para as pardas e pretas. O tipo só civil passou ocupar o segundo lugar, com exceção das pretas, em que foram as consensuais a segunda colocada. Importante assinalar o crescimento que experimentaram no período, para os três grupos de mulheres, e este tipo de união, ou seja, da ordem de 20% para brancas, 59% para pardas e 43% para pretas. As uniões consensuais, agora terceira colocadas para brancas e pardas, revelaram um vigoroso crescimento entre 1960 e 1980, notadamente para as brancas onde quase triplicaram no período. Finalmente, as uniões só religiosas experimentaram uma queda bastante significativa nos três grupos, mas principalmente para as brancas.

TABELA 9 - Distribuição das subpopulações de mulheres casadas brancas, pardas e pretas, para cada tipo de união. Brasil 1960 e 1980

a) União Consensual

| COR    | 1960 | 1980 | AUMENTO RELATIVO (%) |
|--------|------|------|----------------------|
| Branca | 3,3  | 8,2  | 148                  |
| Parda  | 9,7  | 16,1 | 66                   |
| Preta  | 14,5 | 23,6 | 63                   |

*Cons + Relig*

60 80

15,8 12,

46,5 29,

43,4 33,

b) União Só Civil

| COR    | 1960 | 1980 | AUMENTO RELATIVO (%) |
|--------|------|------|----------------------|
| Branca | 11,1 | 13,3 | 20                   |
| Parda  | 12,3 | 19,6 | 59                   |
| Preta  | 13,7 | 19,6 | 43                   |

c) União Só Religiosa

| COR    | 1960 | 1980 | QUEDA RELATIVA (%) |
|--------|------|------|--------------------|
| Branca | 12,5 | 3,8  | 228                |
| Parda  | 36,8 | 13,1 | 181                |
| Preta  | 28,9 | 9,7  | 188                |

d) União Civil e Religiosa

| COR    | 1960 | 1980 | AUMENTO RELATIVO (%) |
|--------|------|------|----------------------|
| Branca | 73,1 | 74,6 | 2                    |
| Parda  | 41,2 | 51,2 | 24                   |
| Preta  | 42,8 | 47,0 | 10                   |

*Civ/rel + civil*

1960 1980

84,2 87,9

53,5 70,8

56,5 66,6

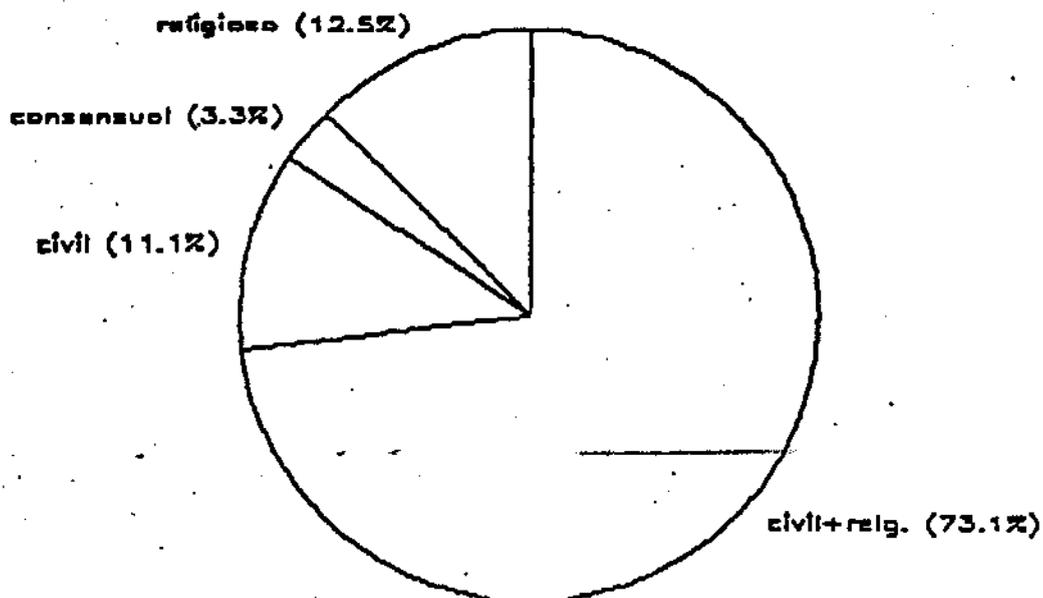
Resumindo, pode-se dizer que em 1960 as uniões legalizadas (civil, religioso e só civil) representavam 84,1%, 53,5% e 56,5%, respectivamente para brancas, pardas e pretas e estes níveis passaram, em 1980, a 87,9%, 70,8% e 66,6%, mostrando que foi para as pardas onde se deu o maior aumento. Além disso, em 1960, a só religiosa era maior responsável pelo alto índice das não legalizadas, lugar ocupado pelas consensuais em 1980.

Estas mudanças, por outro lado, não se deram de forma homogênea em todo o país. Na Bahia, por exemplo, as mulheres brancas preferiram em 1960, pela ordem, uniões civil e religiosa, religiosa, civil e consensual. Em 1980, civil e religiosa, religiosa, consensual e civil. Já para as mulheres pardas, em 1960, a ordem de preferência foi religiosa, civil e religiosa, civil e consensual, trocando de posição os dois primeiros tipos, em 1980. Finalmente, para as pretas, em 1960, a união religiosa foi a mais prevalente, seguida da consensual, civil e religiosa e civil. Esta subpopulação foi a que apresentou maiores alterações durante os vinte anos considerados, em que as uniões consensuais chegaram a atingir o primeiro lugar, seguidas pela civil e religiosa, religiosa e civil.

Em Minas Gerais, não houve diferença na preferência pelos diversos tipos de união nas três subpopulações, em 1960, isto é, para todas a união civil e religiosa foi a mais freqüente, seguida pela religiosa, depois civil e, finalmente, as consensuais. Brancas e pardas, em 1980, continuaram tendo as uniões civil e religiosa em primeiro lugar e as consensuais como menos freqüentes; a civil trocou, entretanto, de lugar com a religiosa, relativamente a 1960. Já para as mulheres pretas, as consensuais se colocaram em segundo lugar, após a união civil e religiosa, cabendo à civil o terceiro lugar.

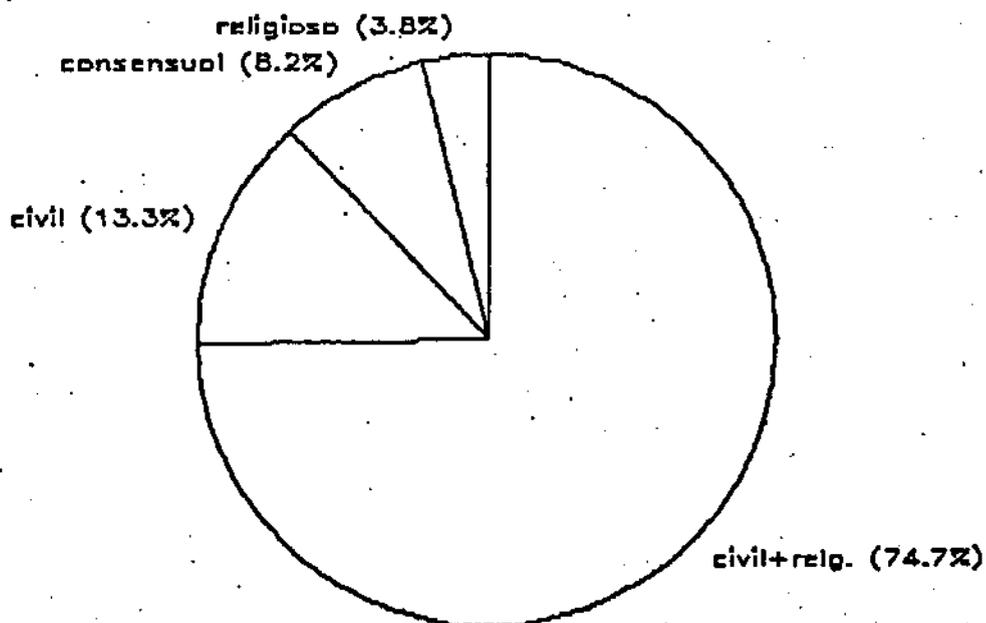
# PROP. DAS UNIOES — MULHERES BRANCAS

BRASIL—1980



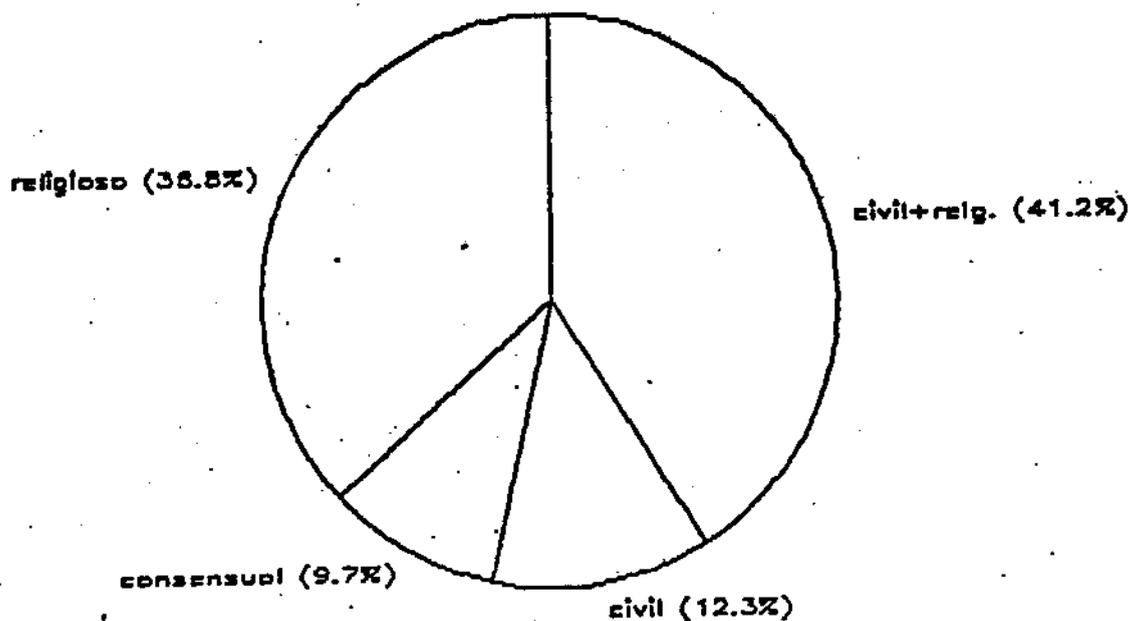
# PROP. DAS UNIOES — MULHERES BRANCAS

BRASIL—1980



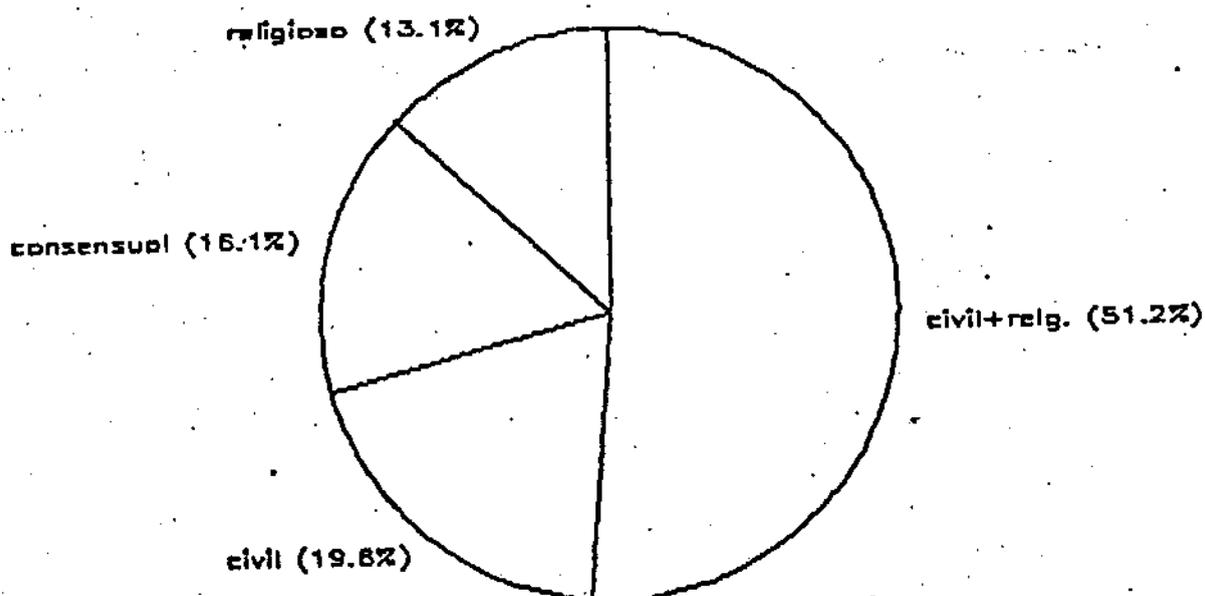
# PROP. DAS UNIOES - MULHERES PARDAS

BRASIL-1980



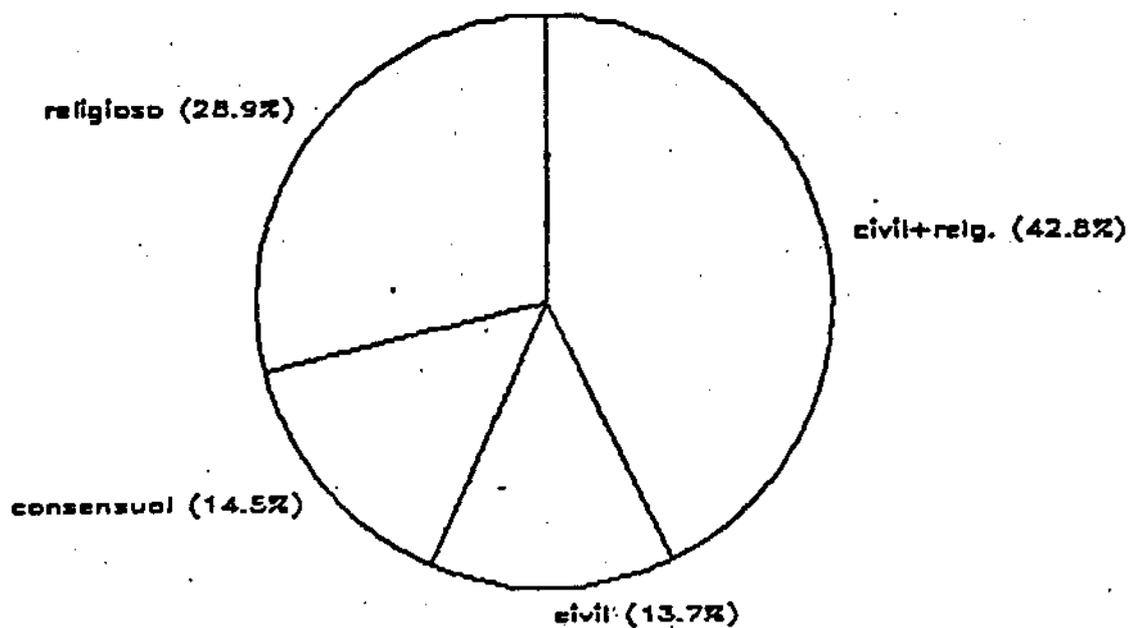
# PROP. DAS UNIOES - MULHERES PARDAS

BRASIL-1980



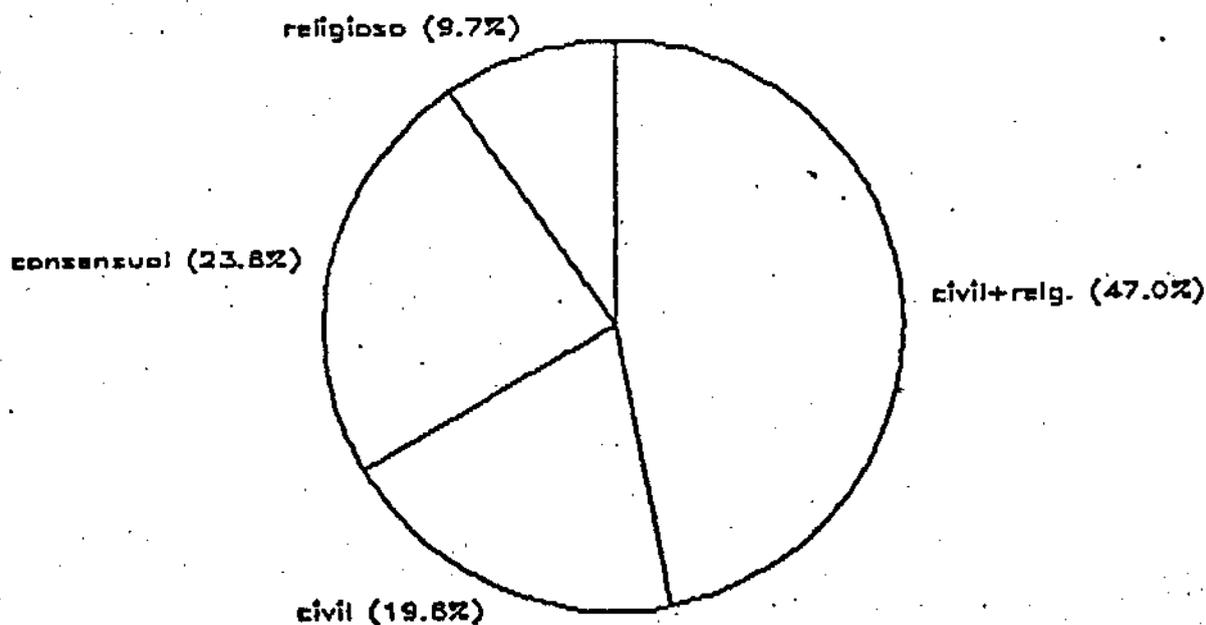
# PROP. DAS UNIOES – MULHERES PRETAS

BRASIL-1980



# PROP. DAS UNIOES – MULHERES PRETAS

BRASIL-1980



Em São Paulo também não houve diferença nas preferências de brancas, pardas e pretas, todas preferindo o casamento civil e religioso em primeiro lugar, em 1960, seguido do civil, do religioso e das uniões consensuais. As três subpopulações continuaram, em 1980 mantendo as mesmas preferências, tendo as uniões consensuais trocado de lugar com as religiosas, ou seja, a seqüência observada para os três grupos foi: civil e religiosa, civil, consensual e religiosa.

Finalmente, para o Rio Grande do Sul os padrões de casamento não variaram conforme a cor das mulheres, nos últimos vinte anos. De fato, a ordem de preferência quanto aos tipos de casamento foi sempre: civil e religioso, civil, religioso e consensual.

Passando-se das seqüências preferenciais de tipos de uniões para os níveis alcançados por estes nas três subpopulações, nos quatro contextos considerados, nos dois marcos temporais fixados, observa-se diferenças bastante marcantes. Assim, as uniões religiosas que, como já se disse, registraram forte declínio entre 1960 e 1980, para as três subpopulações, apresentaram, em 1980, valores que variaram de 1,4% no Rio Grande do Sul, para brancas, a 24,8% para pardas, na Bahia. As uniões consensuais por sua vez cresceram em todos os contextos, para os três grupos. O maior destaque coube às pretas da Bahia, com 32,2% de uniões consensuais, em 1980, em contraste com 4,4% para as brancas de Minas Gerais.

É interessante também observar que para as uniões só civil de um lado e só religiosa de outro, as pardas e pretas apresentam níveis de preferência muito próximos entre si, quando se fixa um determinado contexto, em um período fixado. Neste sentido, elas se diferenciam bastante das brancas, com proporções sempre mais elevadas. Em cer-

TABELA 10 - Tipos de casamento para mulheres brancas, pardas e pretas, em 1960 e 1980, para quatro Unidades da Federação.

a) Civil e Religioso

| COR     | MINAS GERAIS |      | SÃO PAULO |      | RIO G. SUL |      | BAHIA |      |
|---------|--------------|------|-----------|------|------------|------|-------|------|
|         | 1960         | 1980 | 1960      | 1980 | 1960       | 1980 | 1960  | 1980 |
| Branças | 81.7         | 85.1 | 84.9      | 79.0 | 77.0       | 77.9 | 46.6  | 50.8 |
| Pardas  | 60.7         | 71.9 | 60.1      | 58.1 | 46.9       | 51.6 | 27.0  | 33.6 |
| Pretas  | 59.3         | 68.1 | 65.4      | 58.8 | 51.5       | 51.1 | 18.2  | 25.2 |

b) Civil

| COR     | MINAS GERAIS |      | SÃO PAULO |      | RIO G. SUL |      | BAHIA |      |
|---------|--------------|------|-----------|------|------------|------|-------|------|
|         | 1960         | 1980 | 1960      | 1980 | 1960       | 1980 | 1960  | 1980 |
| Branças | 5.8          | 7.3  | 9.0       | 12.4 | 15.3       | 12.9 | 11.4  | 18.4 |
| Pardas  | 6.5          | 11.1 | 17.4      | 22.4 | 24.5       | 24.0 | 12.1  | 21.0 |
| Pretas  | 6.5          | 11.1 | 15.1      | 19.5 | 23.9       | 24.2 | 11.3  | 19.3 |

c) Religioso

| COR     | MINAS GERAIS |      | SÃO PAULO |      | RIO G. SUL |      | BAHIA |      |
|---------|--------------|------|-----------|------|------------|------|-------|------|
|         | 1960         | 1980 | 1960      | 1980 | 1960       | 1980 | 1960  | 1980 |
| Branças | 10.6         | 3.2  | 3.9       | 1.5  | 3.9        | 1.4  | 36.0  | 20.7 |
| Pardas  | 29.0         | 8.8  | 15.3      | 3.5  | 10.1       | 2.4  | 46.1  | 24.8 |
| Pretas  | 28.2         | 7.9  | 11.4      | 2.9  | 7.9        | 3.9  | 42.9  | 23.3 |

d) Consensual

| COR     | MINAS GERAIS |      | SÃO PAULO |      | RIO G. SUL |      | BAHIA |      |
|---------|--------------|------|-----------|------|------------|------|-------|------|
|         | 1960         | 1980 | 1960      | 1980 | 1960       | 1980 | 1960  | 1980 |
| Branças | 1.9          | 4.4  | 2.2       | 7.1  | 3.8        | 7.8  | 5.9   | 19.2 |
| Pardas  | 3.8          | 8.2  | 6.5       | 16.0 | 18.5       | 20.5 | 11.8  | 20.6 |
| Pretas  | 5.9          | 12.9 | 8.1       | 18.7 | 16.8       | 22.1 | 27.6  | 32.2 |

ta medida, isto ocorre também para os casamentos civil e religioso. Já para as uniões consensuais as três subpopulações têm comportamentos bem marcados, as proporções mais baixas correspondendo ao grupo de mulheres brancas, seguidas das pardas, tendo as pretas os níveis mais elevados.

## 6. ENDOGAMIA DE COR

No Brasil, vem declinando nos últimos quarenta anos, os contingentes de brancos e pretos, e aumentando, em consequência, o volume de pardos. Estes passaram de 21%, em 1940, a 39% em 1980. Já os brancos foram reduzidos de 64% a 55%; enquanto os pretos declinaram de 15% a 6%. Estes dados fazem supor uma mestiçagem crescente na sociedade brasileira, ou seja, casamentos de pessoas de cor diferente.

Dispondo da composição dos casais, por cor, para o censo de 1980, e analisando-se 20.532.215 casais, observa-se uma taxa geral de endogamia da ordem de 81,2%. Ou seja, somente em 18,8% dos casos, marido e mulher não têm a mesma cor. Deste total, em 50,8% ambos são brancos, em 26,9% ambos são pardos, sendo ambos pretos em 3,5%. Especificando esta taxa, por cor, ou seja, calculando-se as taxas marginais médias de endogamia, para cada uma das subpopulações, verifica-se que assumem os maiores valores para brancos (86,4%), seguidos por pardos (75,4%), tendo os pretos a menor taxa (62,5%). Em outras palavras, 86,4% dos casamentos de pessoas brancas são endogâmicos; 75,4% de pessoas pardas se casam com pardas; 62,5% de pretas se casam com pretas.

É importante salientar que em apenas 8% dos casais, a mulher é mais escura do que o marido, dando-se o contrário em 10,9%, em que o marido é mais escuro do que a mulher.

Esta questão pode ser ainda analisada de outra maneira, isto é, pode-se calcular do total de mulheres de uma determinada cor, que percentagem está casada com homens da mesma cor, mais claros e mais escuros. Analogamente, pode-se calcular a composição por cor dos casamentos de homens brancos, pretos e pardos.

Neste sentido, verifica-se que das mulheres pretas, 33% estão casadas com homens mais claros, sendo 10,9% com homens brancos, e 22,1% com pardos. Por outro lado, dos homens pretos, 41% têm mulheres mais claras, sendo 13,0% brancas e 28,0% pardas (Tabela 11 12).

TABELA 31 - Distribuição das mulheres casadas, segundo a cor dos maridos, por cor. Brasil 1980

| MULHERES \ HOMENS | HOMENS |       |       | TOTAL |
|-------------------|--------|-------|-------|-------|
|                   | BRANCA | PARDA | PRETA |       |
| Branca            | 84,7   | 14,0  | 1,3   | 100,0 |
| Parda             | 18,0   | 77,1  | 4,9   | 100,0 |
| Preta             | 10,9   | 22,1  | 67,0  | 100,0 |

Ou seja, estes dados estão a indicar que a miscigenação tendente ao embranquecimento é mais acentuada por parte dos homens.

TABELA 12 - Distribuição dos homens casados, segundo a cor das esposas, por cor. Brasil 1980

| HOMENS   | BRANCA | PARDA | PRETA |
|----------|--------|-------|-------|
| MULHERES |        |       |       |
| Branca   | 88,1   | 23,0  | 13,0  |
| Parda    | 10,9   | 73,8  | 28,4  |
| Preta    | 1,0    | 3,2   | 58,6  |
| TOTAL    | 100,0  | 100,0 | 100,0 |

O excedente de mulheres brancas, já mencionado anteriormente, leva as mulheres pretas a verem o seu mercado matrimonial de pretos reduzido pela concorrência das brancas e também das pardas, o que pode explicar o declínio acentuado por que vem passando a população preta no país.

Analisando estes mesmos aspectos para as quatro Unidades da Federação selecionadas, observa-se (Tabela 13), em primeiro lugar, que elas formam um verdadeiro gradiente quanto à incidência de casamentos endogâmicos, sendo estes menos frequentes na Bahia e muito intensos no Rio Grande do Sul. Além disso, a composição deste índice também é muito distinta em cada um desses contextos. Com efeito, o peso relativo do contingente de casamentos entre brancos é muito pequeno na Bahia (16,2%), cresce em Minas Gerais (51,1%); intensifica-se ainda mais em São Paulo (72,2%) até atingir seu valor máximo de 86,6%, no Rio Grande do Sul. Os casamentos de pardos com pardos, por outro lado, diminuem à medida em que se passa da Bahia (53,6%) para o Rio Grande do Sul (14,7%), o mesmo acontecendo com as uniões entre pretos.

TABELA 13 - Endogamia para Unidades da Federação, 1980

| UNIDADES DA FEDERAÇÃO | TAXA GERAL DE ENDOGAMIA |                      |       | % MULHERES MAIS ESCURAS DO QUE OS MARIDOS | % HOMENS MAIS ESCUROS DO QUE AS MULHERES |      |
|-----------------------|-------------------------|----------------------|-------|---|--|------|
|                       | Total                   | Decomposição por Cor |       |   |  |      |
|                       |                         | Branca               | Parda | Preta                                     |  |      |
| Bahia                 | 76,5                    | 16,2                 | 53,6  | 6,7                                       | 9,6                                      | 13,9 |
| Minas Gerais          | 78,5                    | 51,1                 | 22,1  | 5,3                                       | 8,7                                      | 12,8 |
| São Paulo             | 85,0                    | 72,2                 | 10,2  | 2,6                                       | 6,4                                      | 8,7  |
| Rio Grande do Sul     | 94,1                    | 86,6                 | 4,7   | 2,8                                       | 2,5                                      | 3,4  |

É na Bahia que se vai encontrar as maiores proporções de mulheres casadas com homens mais claros do que elas. Esta chance de 9,6 cai para 2,5% quando se passa ao Sul do país.

Para os homens, estas proporções são sempre superiores às correspondentes para as mulheres, isto é, são mais frequentes os casamentos de homens com mulheres mais claras.

Não cabe dúvida de que a Bahia se constitui num ambiente mais aberto à exogamia, testemunhada pelo altíssimo contingente de pardos. Em contraposição, Rio Grande do Sul, onde a população é predominantemente a branca, os pardos e pretos têm muito poucas chances de casamentos exogâmicos, as quais são ainda menores para as mulheres.

## ENDOGAMIA DE IDADE AO CASAR

Já foi visto na sessão 4 que os homens em média se casam três anos mais tarde do que as mulheres. Esta diferença entre as idades médias ao casar para cada um dos sexos oscila muito pouco quando se consideram separadamente as subpopulações branca, parda e preta. Tratar-se-á agora nesta sessão de buscar, para cada um destes segmentos populacionais, as taxas gerais de endogamia quanto à idade ao casar, ou seja, do total de casamentos entre pardos, por exemplo, quantos se referem a casais de mesma idade, em quantos o marido é mais velho do que a mulher e em quantos a mulher é mais velha do que o marido.

Em trabalho anterior<sup>(9)</sup> vimos que ainda hoje na sociedade brasileira está presente a pauta tradicional dos homens se casarem com mulheres mais jovens do que eles. O censo de 1980 revelou para a população total uma taxa geral de endogamia, por idade ao casar, da ordem de 30%; em 61% dos casais o homem era mais velho do que a mulher, dando-se o contrário em apenas 9% das uniões.

A Tabela 14 apresenta estes resultados para casais brancos, pardos e pretos.

Como se pode ver, é dentre os brancos que a norma social tradicional se revela mais acentuada, pois em apenas 7,9% dos casamentos a mulher é mais velha do que o marido; esta proporção atinge seu maior valor, 12,9%, para os casais pretos.

(9) BERQUÓ, E. - Pirâmide da Solidão? Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Águas de São Pedro, outubro 1986.

TABELA 14 - Distribuição dos casamentos segundo a idade dos cônjuges, conforme a cor, por situação de domicílio. Brasil 1980

| COR    | HOMEM MAIS VELHO DO QUE A MULHER |        |       | HOMEM E MULHER NA MESMA FAIXA ETÁRIA (5 ANOS) |        |       | HOMEM MAIS JOVEM DO QUE A MULHER |        |       |
|--------|----------------------------------|--------|-------|---|--------|-------|----------------------------------|--------|-------|
|        | Total                            | Urbano | Rural | Total   | Urbano | Rural | Total                            | Urbano | Rural |
| Branca | 59,8                             | 59,1   | 61,8  | 32,3  | 32,8   | 30,9  | 7,9                              | 8,1    | 7,3   |
| Parda  | 61,4                             | 60,1   | 62,9  | 28,3  | 29,0   | 27,4  | 10,3                             | 10,8   | 9,7   |
| Preta  | 57,6                             | 55,4   | 62,1  | 29,5  | 30,7   | 27,0  | 12,9                             | 14,0   | 10,9  |

Por outro lado, as populações rurais são, neste sentido, mais conservadoras do que as urbanas pois este percentual é sistematicamente menor no meio rural do que o correspondente no urbano, para as três subpopulações. Pode-se concluir através destes dados que é a subpopulação branca do meio rural a que apresenta a maior taxa de casamentos, 92,7%, em que o homem tem idade igual ou maior do que a da mulher.

Outra maneira de se considerar a questão da endogamia na idade ao casar é através da análise por coorte. Este enfoque tem a vantagem de permitir apreciar se e como variaram ao longo do tempo as combinações de idades ao casar de homens e mulheres. Para tanto, é preciso que se suponha que as pessoas casadas e mais velhas se casaram há mais tempo, e que os sobreviventes casados não representem seletividade quanto à idade com que se casaram. Além disso, como as chances de viuvez aumentam com a idade, ao se considerar coortes muito velhas, estar-se-ia automaticamente eliminando da análise aqueles homens casados com mulheres mais velhas e já falecidas. Trun-

cou-se por isso a análise na coorte nascida entre 1930 e 1934 cujo componentes, em 1980, estavam com idades na faixa de 50 a 54 anos. Levando-se em conta, como já visto na sessão 4, que os homens se casam em torno dos 26 e 27 anos, poder-se-ia pensar que esta coorte se casou, em média, entre 1956 e 1960.

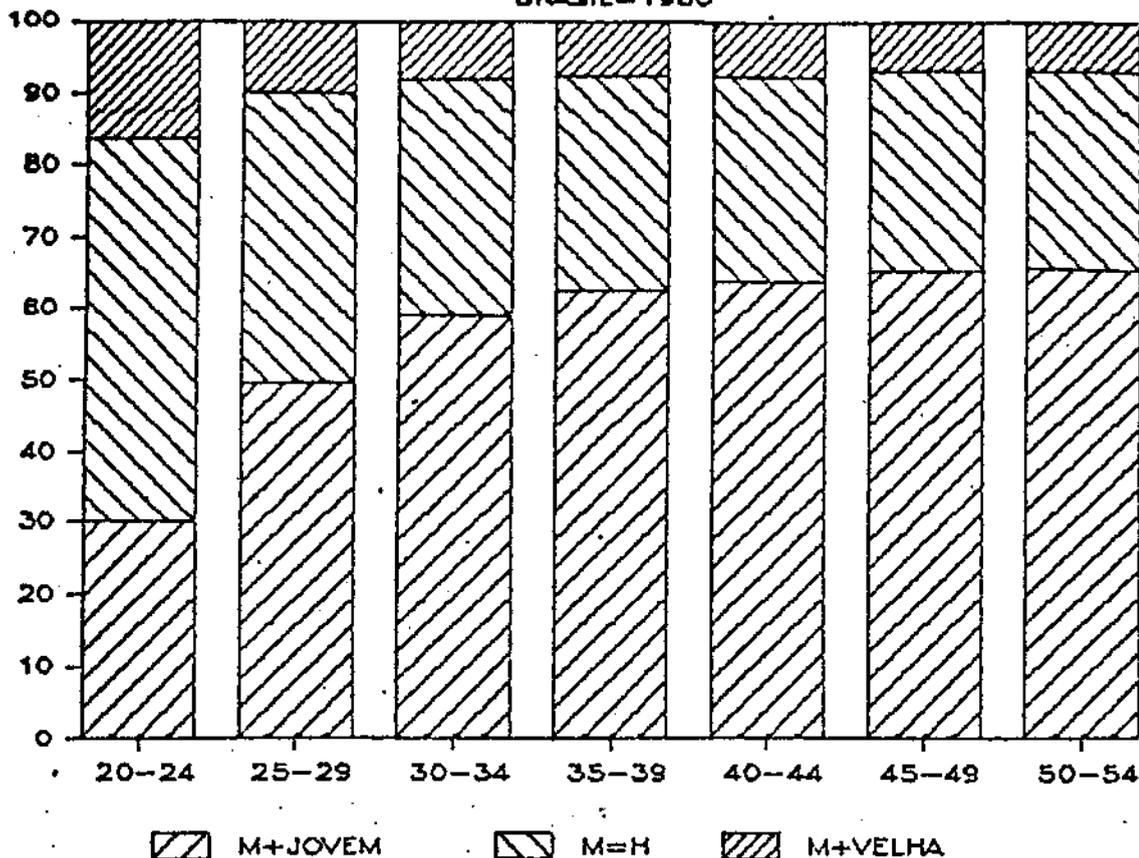
Isto posto, o Gráfico 4 mostra como variaram, para as sete coortes desde 20-24 até 50-54 anos, as proporções de homens casados com mulheres mais velhas do que eles e, complementarmente, as proporções de casados com mais jovens e na mesma faixa etária. O gráfico retrata a situação para homens brancos e pretos.

Partindo de 16,5% para os brancos, esta proporção se reduz a 10,0% na classe etária seguinte, cai relativamente para a de 30-34 anos e a partir daí varia apenas de 7,9% a 7,0%, para atingir o valor de 6,8% para os homens de 50 a 54 anos. Esta tendência à redução se deve ao aumento na proporção de casamentos com mulheres mais jovens (passando de 30,0% a 65,5%), uma vez que aquelas uniões dentro da mesma faixa etária também declinam com o aumento da idade dos homens, variando de 13,8% a 27,7%.

Em que pese o fato de que mesmo nos casos de casamentos com mulheres mais velhas, elas se encontram em 75% os casos na faixa etária imediatamente superior às de seus cônjuges, estes resultados estariam indicando, tendo presentes as ressalvas já feitas, que as coortes masculinas mais jovens, e, portanto, os casamentos mais recentes, estariam menos sujeitos à pauta tradicional dos varões serem alguns anos mais velhos do que as damas.

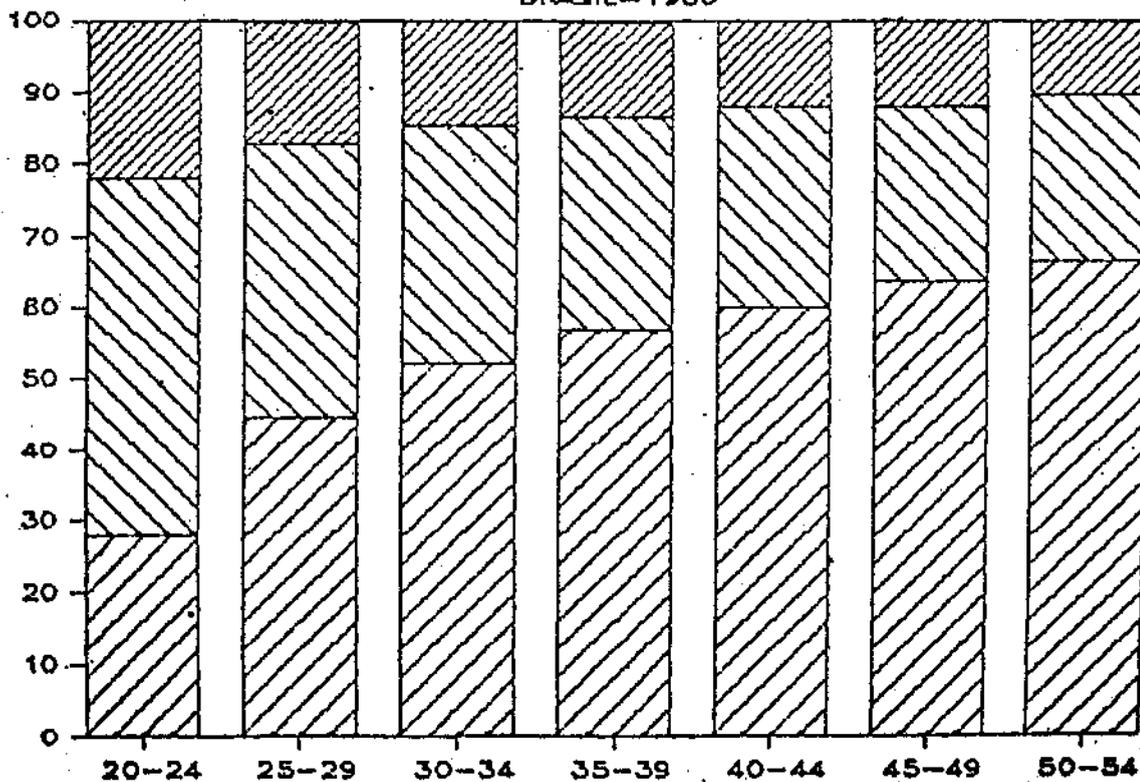
# ENDOGAMIA POR IDADE — HOMENS BRANCOS

BRASIL-1980



# ENDOGAMIA POR IDADE — HOMENS PRETOS

BRASIL-1980



No que se refere à subpopulação de pretos, esta apresenta tendência geral muito similar à dos brancos, porém com níveis maiores de exogamia, coerentes com os resultados já assinalados na Tabela 13. Como efeito, agora as taxas variam de um máximo de 22,2% para os mais jovens e vai declinando sistematicamente até atingir 10,3% para a corte mais velha. Nestes casamentos, praticamente em 70% a mulher está na faixa etária imediatamente superior à do marido. Também aqui a redução é devida ao crescimento na proporção de casamentos com mulheres mais jovens, à medida em que se considera coortes mais velhas, passando de 27,8% a 66,5%. Mas vale a pena assinalar que estas proporções estão sistematicamente abaixo daquelas correspondentes à subpopulação dos brancos. Declinam também as proporções de uniões dentro da mesma faixa etária, que variam agora de 50,0% a 23,2%, estando estes valores mais uma vez abaixo de seus correspondentes para os brancos.

São, portanto, válidas para os pretos, com um pouco mais de vigor as mesmas conclusões motivadas pela análise dos resultados apresentados pelos brancos.

É na Bahia onde se vai encontrar maiormente refletida a obediência a normas de casamentos exogâmicos, com o homem mais velho do que a mulher, mais exacerbada no seio da subpopulação branca, chegando mesmo a atingir 65,6% dos casais. Este índice se reduz ligeiramente para os pardos, caindo ainda mais para os pretos (Tabela 15).

Minas Gerais oferece uma situação de valor máximo para a proporção de casais em que ele tem idade igual ou superior à dela, correspondendo a 93,2% para brancos, 91,5% para pardos, cabendo aos pretos 88,7%.

TABELA 15 - Distribuição dos casais segundo a idade dos cônjuges, conforme a cor, por Unidades Federação

| UNIDADES<br>DA<br>FEDERAÇÃO | BRANCA                  |   |                         | PARDA                   |   |                         | PRETA                   |   |                         |
|-----------------------------|-------------------------|---|-------------------------|-------------------------|---|-------------------------|-------------------------|---|-------------------------|
|                             | Mulher<br>mais<br>Velha | Mulher e<br>Homem na<br>mesma<br>Faixa Etária | Mulher<br>mais<br>Jovem | Mulher<br>mais<br>Velha | Mulher e<br>Homem na<br>mesma<br>Faixa Etária | Mulher<br>mais<br>Jovem | Mulher<br>mais<br>Velha | Mulher e<br>Homem na<br>mesma<br>Faixa Etária | Mulher<br>mais<br>Jovem |
| São Paulo                   | 7,7                     | 34,1  | 58,2                    | 10,4                    | 30,9  | 58,6                    | 13,5                    | 31,4  | 55,                     |
| Minas Gerais                | 6,8                     | 28,9  | 64,3                    | 8,5                     | 27,7  | 63,8                    | 11,3                    | 29,6  | 59,                     |
| Bahia                       | 7,1                     | 27,2  | 65,6                    | 9,1                     | 26,7  | 64,2                    | 12,2                    | 28,1  | 59,                     |
| Rio Grande do Sul           | 8,6                     | 34,5  | 56,9                    | 11,7                    | 29,1  | 59,3                    | 16,1                    | 28,6  | 55,                     |

São Paulo e Rio Grande do Sul apresentam um comportamento similar quanto a estes índices, para brancos e pardos. Já para os pretos, Rio Grande do Sul, parece haver maior liberalidade na quebra do padrão.

Em resumo se poderia dizer, guardadas as devidas diferenças quanto aos níveis, que a tendência é a mesma verificada para o país com um todo, a saber: os brancos são os mais, e os pretos são os menos restritos quanto à exigência de ser a mulher mais nova ou no máximo da mesma idade do que o marido; os pardos situando-se em posição intermediária.

## 8. RESUMINDO

O exame do material aqui exposto permite destacar alguns pontos que se enumeram a seguir.

1. Praticamente não se alterou nos últimos trinta anos a idade em que as mulheres se casam, prevalecendo até hoje o fato das pretas entrarem em união mais tardiamente do que as brancas e pardas. O mesmo fenômeno se dá com os homens pretos. A diferença entre as idades do homem e da mulher ao casar, entretanto não varia com a cor e vem declinando muito discretamente nos últimos anos.
2. O celibato foi e continua sendo maior para as mulheres, maior para as pessoas pretas do que para brancas e pardas, embora seus níveis venham diminuindo de forma significativa, principalmente para as pessoas pardas e pretas. Se há trinta anos atrás, todavia as chances de se casar classificavam mulheres e homens em três grupos nitidamente diferenciados, isto é, brancos, pardos e pretos, hoje estes grupos se reduziram a apenas dois, a saber, brancos e pardos de um lado, ficando os pretos com os maiores índices.
3. Experimentando nos últimos vinte anos crescimento bastante acentuado para os três grupos, é dentre as mulheres pretas que as uniões consensuais são mais frequentes. Por outro lado, tendo seu impacto cada vez mais reduzido no rol dos tipos de união, os casamentos celebrados só na igreja ainda mantêm certa preferência das mulheres pardas. Pode-se afirmar que, hoje em dia, a preferência das mulheres pardas em relação às uniões legalizadas (civil e religiosa e só civil), pe

das e pretas constituem um só grupo, com níveis de legalizaçã inferiores aos das brancas. As uniões consensuais bem como religiosas revelam comportamento bem diferenciado nos três grupos.

4. A mestiçagem vem aumentando no Brasil como atesta o crescente contingente de pessoas ditas pardas. Ela se faz, entretanto, muito mais à custa de casamentos de mulheres brancas com homens pretos do que o contrário. Ou seja, a mestiçagem tendente ao branquecimento é mais acentuada por parte dos homens.

Tendo de enfrentar uma razão de sexos a elas desfavorável, as mulheres brancas devem competir, com vantagens, no mercado matrimonial com as pardas e as pretas, que contam com um excedente de homens dentro de seu próprio grupo. Isto explicaria também o elevado celibato da mulher preta, além de sua entrada mais tardia em união.

5. A norma tradicional na sociedade brasileira de ser o varão mais velho do que a dama é mais acentuada entre os casais brancos. É no grupo dos pretos onde se vai encontrar a maior frequência de mulheres mais velhas do que seus maridos. No meio rural se mostra o mais restrito quanto à esta norma social o que parece indicar certa mudança neste comportamento, para os três grupos, na medida em que as populações se urbanizam.

Infelizmente, considerações sobre migrações internas, por não poderam ser incluídas nesta etapa do estudo.

Por outro lado, tabulações que cogitassem de mostrar os perfis dos casamentos exogâmicos quanto à cor e quanto à idade dos cônjuges, certamente lançariam novos focos de luz sobre a questão de quem se casa com quem e por que.

6. Por fim, vale a pena destacar que o estudo da nupcialidade por cor no Brasil deve ser feito, separadamente, para brancos, pardos e pretos e não para as populações branca e negra, incluindo-se nesta última os pardos e pretos. Como foi visto, os pardos e pretos estão sujeitos a processos de mudanças, quanto ao casamento, defasados no tempo e no espaço, certamente como decorrência de modificações sócio-econômico-culturais de índole mais geral.

\* \* \*

Oneida Maria Borges zelou pelo texto e Suzana Marta Cavenaghi pelas tabulações, ajuda que eu sinceramente agradeço.

**FECUNDIDADE DA MULHER NEGRA:**

**CONSTATAÇÕES E QUESTÕES**

**ALÍCIA BERCOVICH**

# FECUNDIDADE DA MULHER NEGRA: CONSTATAÇÕES E QUESTÕES

*Alicia M. Bercovich*

## 1. Introdução

Com este trabalho - basicamente descritivo - pretende-se preencher uma lacuna existente no conhecimento dos níveis e tendências na fecundidade da população negra no Brasil ao longo deste século. Especialistas em demografia histórica tentaram avaliar alguns indicadores de fecundidade e natalidade para a população escrava a fins do século passado (Slenes, 1985), enquanto Mortara (1953) estudou aproximações para esses indicadores por cor baseando-se nos dados dos Censos de 1940 e 1950.

Infelizmente, não se dispõe de dados em uma série histórica de modo a estudar a evolução dos indicadores de fecundidade por cor, pelo menos ao longo do século.

As técnicas de "reverse survival", que baseiam-se no crescimento e estrutura etária de populações fechadas, utilizadas por Coale (1973) para reconstituir a evolução da fecundidade da população negra americana, não seriam aplicáveis às séries de dados brasileiros, dada a importância da mestiçagem na formação da sociedade brasileira (Alencastro, 1984 e Berquó, Bercovich e Tamburo, 1986).

Nos estudos realizados sobre a evolução da fecundidade negra no EEUU, pode observar-se que, se bem na época da escravatura esta apresentava níveis bem mais elevados que na população branca, devido, provavelmente, a ações deliberadas dos terratenentes sulistas, a partir de 1880 começou a cair, acompanhando movimentos semelhantes da população branca e de outras populações de países que experimentavam um rápido crescimento econômico. Engerman (1978) opina que a experiência da fecundidade da população negra americana deve ser vista como um dos muitos exemplos da transição demográfica, em vez de ser tratada como "experiência única" ou "legado da escravatura", mesmo que fatores ligados a esta tenham, talvez, atrasado o começo da transição.

Porém é interessante notar que o declínio da fecundidade negra nos EEUU deu-se sem prévio declínio na mortalidade, quando a população negra era principalmente rural e agrícola, localizada em uma região do país onde não existia grande industrialização nem urbanização, contrariando as explicações

tradicionais para a transição.

O caso do Brasil parece diferente, já que a fecundidade da população preta foi consideravelmente menor que a da população branca, tanto na época da escravatura como na primeira metade deste século, o que nos leva a questionar a própria existência da transição de fecundidade para este grupo.

---

Com o intuito de começar a compreender a evolução da fecundidade da população preta, no Brasil, nas suas semelhanças e diferenças com os demais grupos de cor, utilizaram-se os dados disponíveis e tabulações especiais dos Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1980, também dados da PNAD 1976 e resultados preliminares da PNAD de 1984.

## 2. Evolução das Taxas Cumulativas de Fecundidade Período 1940-1980

A taxa cumulativa de fecundidade é uma medida que utilizou Mortara (1953), para estudar a fecundidade em 1940 e 1950. A utilizamos também para 1960 e 1980, com o objetivo de comparação, já que a escolha de padrões de fecundidade por cor para períodos tão afastados, para aplicar o método de Brass, resultava problemática (um exercício nesse sentido, será apresentado na seção 4).

Os valores padronizados figuram na Tabela 1:

TABELA 1 - TAXAS CUMULATIVAS DE FECUNDIDADE POR COR  
BRASIL 1940-1980

| ANOS | FECUNDIDADE POR COR DA MÃE |       |       | TOTAL |
|------|----------------------------|-------|-------|-------|
|      | BRANCA                     | PRETA | PARDA |       |
| 1940 | 344.7                      | 310.3 | 344.3 | 336.2 |
| 1950 | 326.8                      | 314.6 | 357.4 | 336.2 |
| 1960 | 294.8                      | 302,1 | 361.0 | 325.6 |
| 1980 | 258.6                      | 294.8 | 345.2 | 289.8 |

Fonte: Mortara, Giorgio (1953) e FIBGE, Censos Demográficos de 1960, 1980

A primeira observação, é que sempre, com exceção dos

últimos anos, a fecundidade das mulheres pretas é mais baixa que a de brancas ou pardas.

Observa-se também que a medida diminui constantemente entre 1940 e 1980 para as mulheres brancas, com uma intensificação da queda entre 1960 e 1980. Para as mulheres pardas, a fecundidade parece aumentar levemente nas décadas de 40 e 50, caindo suavemente nos vinte anos seguintes; e tem um pequeno aumento nos anos 40, diminuindo pouco nos períodos seguintes para as mulheres pretas.

O diferencial entre a fecundidade das mulheres pardas e brancas, aumenta constantemente entre 1940 (quando a medida para ambos os grupos era semelhante) e 1980, em que a diferença é de aproximadamente 34%, passando por diferenças de 9% e 22% em 1950 e 1960 respectivamente. Estes dados são coerentes com as observações de Miró (1982), de que a brecha entre os níveis de fecundidade dos grupos pertencentes a diferentes segmentos do espectro social parece ter-se ampliado em certos países da América Latina, se considerarmos as características predominantes nos grupos como apontam Oliveira et alii (1981).

Considerando só as mulheres de 15 a 49 anos para o cálculo das taxas cumulativas, e padronizando pela estrutura etária de 1980 para diminuir a influência do "erro de memória" das mulheres mais idosas nesta medida rudimentar, chega-se aos valores da Tabela 2.

**TABELA 2 - TAXAS CUMULATIVAS DE FECUNDIDADE PARA MULHERES  
DE 15 a 49 ANOS - BRASIL 1940-1980**

| TAXAS SEGUNDO A COR |        |       |       |       |
|---------------------|--------|-------|-------|-------|
| ANOS                | BRANCA | PRETA | PARDA | TOTAL |
| 1940                | 272.4  | 248.5 | 276.5 | 265.8 |
| 1950                | 255.8  | 249.4 | 286.7 | 263.1 |
| 1960(P)             | 248.4  | 247.4 | 296.2 | 260.4 |
| 1980                | 198.0  | 240.5 | 275.5 | 227.3 |

Fonte: FIBGE - Censos Demográficos de 1940, 1950  
Censos Demográficos de 1960 e 1980: Tabulações especiais.

A observação dos valores da Tabela 2 confirma a fecundidade menor das mulheres pretas e a queda continuada na fecundidade da população branca, pelo menos desde os anos quarenta. Nota-se também uma aparente estabilidade ou até incremento, nas taxas respectivas para as mulheres de cor preta ou parda até as últimas décadas onde invariavelmente existiu diminuição para todos os grupos de cor (20% para as brancas, 3% e 7% para pretas e pardas respectivamente).

Ao comparar com os valores da mortalidade infantil estimados por Garcia Tamburo (1986), observa-se que sem dúvida também a queda da mortalidade da população branca, precedeu à das outras subpopulações, em uma ou duas décadas, começando só nos últimos anos a estreitar-se as diferenças entre brancos e

não brancos.

Não existe a mesma analogia, porém, na ordem dos indicadores, já que sempre os valores mais baixos de mortalidade infantil pertenceram à população branca, sendo as taxas elevadas e semelhantes para os grupos preto e pardo.

## 2.1 Análise para algumas Unidades da Federação

Ao observar os valores para as Unidades da Federação escolhidas para estudo (Tabela 3), podem comprovar-se diferenças no comportamento regional: enquanto em São Paulo, a fecundidade das mulheres brancas vem decrescendo desde os anos 40, acompanhada, com menor intensidade, pela fecundidade das mulheres pardas e pretas, em Minas Gerais e Bahia a situação é diferente.

Para esta última Unidade, só se detecta uma queda moderada da fecundidade das mulheres brancas, a partir dos anos 70, como mostra a análise conjunta dos indicadores de fecundidade e as pirâmides populacionais (Bercovich, 1986).

Para os outros grupos, não só não existiu a queda, como que teve acréscimos na fecundidade acumulada, coerente talvez com a queda nas taxas de mortalidade, queda esta acentuada por, entre outros fatores, a difusão massiva do uso de antibióticos na segunda metade da década de 40.

Minas Gerais seria um caso intermediário, com fecundidades altas para as cores brancas e parda, queda mais intensa da fecundidade das mulheres brancas a partir da segunda metade da década de 60.

Apesar das diferenças regionais, um fato permanece

**TABELA 3 - TAXAS CUMULATIVAS DE FECUNDIDADE POR COR**  
**UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1940-1980**

| UNIDADE<br>E<br>ANOS | FECUNDIDADE POR COR |       |       |
|----------------------|---------------------|-------|-------|
|                      | BRANCA              | PRETA | PARDA |
| <b>São Paulo</b>     |                     |       |       |
| 1940                 | 331.3               | 310.8 | 328.3 |
| 1950                 | 295.0               | 287.6 | 306.2 |
| 1960                 | 284.7               | 281.0 | 316.6 |
| 1980                 | 238.1               | 267.9 | 271.6 |
| <b>Minas Gerais</b>  |                     |       |       |
| 1940                 | 352.7               | 317.9 | 343.5 |
| 1950                 | 330.8               | 298.4 | 330.4 |
| 1960                 | 339.0               | 301.8 | 332.4 |
| 1980                 | 281.1               | 304.2 | 312.4 |
| <b>Bahia</b>         |                     |       |       |
| 1940                 | 333.0               | 306.5 | 326.8 |
| 1950                 | 325.7               | 302.9 | 327.8 |
| 1960                 | 342.9               | 305.0 | 339.2 |
| 1980                 | 313.8               | 331.4 | 332.7 |

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1980.

constante em todas as unidades estudadas: a fecundidade das mulheres pretas é sempre menor que a de brancas ou pardas até o ano de 1980, em que a violenta queda da fecundidade das mulheres brancas entre 1960 e 1980 provoca que pela primeira vez a

fecundidade destas seja menor que a das pretas.

É obvio que além das diferenças de tendência entre os estados analisados, também existem as conhecidas diferenças de nível: para todas as cores, e a maioria dos anos estudados a fecundidade de São Paulo é menor que a de Minas, que parece algo com a da Bahia, porém é menor que a dela.

### 3. Mulheres sem filhos e prolicidade

Outra observação interessante a partir dos dados analisados é que, se até 1960 as mulheres pretas tinham uma fecundidade menor que os outros grupos de cor, devia-se este fato preponderantemente à maior proporção de mulheres sem filhos dentro desse grupo, e não à sua prolicidade, que era comparável a das mulheres brancas em 1940, e maior que a destas em 1950 e 1960, porém sempre num patamar menor que a prolicidade das mulheres pardas. Os valores respectivos figuram nas Tabelas 4 e 5.

TABELA 4 - PROPORÇÃO DE MULHERES QUE TIVERAM FILHOS

BRASIL - 1940-1980

| PROPORÇÃO DE MULHERES COM FILHOS POR COR (%) |        |       |       |       |
|--|--------|-------|-------|-------|
| ANOS   | BRANCA | PRETA | PARDA | TOTAL |
| 1940   | 61.5   | 58.3  | 60.4  | 60.8  |
| 1950   | 60.7   | 56.7  | 60.3  | 60.1  |
| 1960   | 62.9   | 56.4  | 59.9  | 61.4  |
| 1980   | 65.0   | 63.7  | 64.4  | 64.8  |

Fonte: Mortara, Giorgio (1953) e FIBGE, Censos Demográficos 1960, 1980: Tabulações especiais.

TABELA 5 - PROLIFICIDADE DAS MULHERES DE 15 e MAIS POR COR

BRASIL - 1940-1980

| A N O S | NÚMERO MÉDIO DE FILHOS POR MULHER QUE TEVE FILHOS, POR COR |       |       |       |
|---------|--|-------|-------|-------|
|         | BRANCA   | PRETA | PARDA | TOTAL |
| 1940    | 541.4  | 542.5 | 552.7 | 543.4 |
| 1950    | 513.0  | 532.5 | 550.7 | 524.6 |
| 1960    | 490.0  | 530.0 | 566.0 | 510.0 |
| 1980    | 404.8  | 478.0 | 506.0 | 444.8 |

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950  
Censos Demográficos de 1960, 1980: Tabulações Especiais

Em 1950 e 1960, aproximadamente 44% das mulheres pretas de 15 a 49 anos não tinham filhos, a diferença das brancas, das quais, só 37% não tinham filhos em 1960. Essa diferença leva a elaborar hipóteses sobre a existência de fatores que influenciaram na fertilidade das mulheres pretas até 1960 (condições de saúde, por exemplo), ou a uma menor proporção de mulheres unidas. Já em 1980, a proporção de mulheres sem filhos entre as pretas, se acerca à das brancas (36,3% e 35%, respectivamente). Com intuito de verificar a possibilidade de confirmação de uma ou outra hipótese, calculou-se a proporção de mulheres unidas segundo a cor, para 1980, por grupos de idade (Gráfico 1). Pode-se observar que, efetivamente a proporção de mulheres unidas é menor entre as pretas, para todos os grupos de idade. Também a proporção de mulheres sem filhos por cor e grupo de idade, é sempre maior para as mulheres pretas, a partir dos 30 anos de idade, tanto em 1960, como em 1980 (Ver Gráficos 2 e 3).

GRÁFICO 1 - PROPORÇÃO DE MULHERES UNIDAS

BRASIL 1980

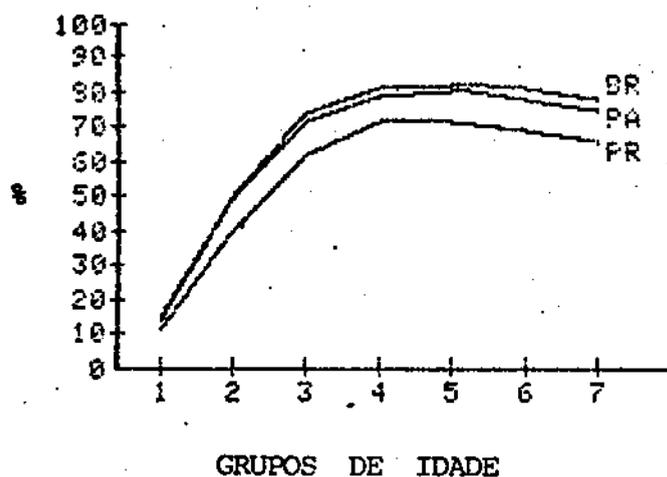


GRÁFICO 2 - PROPORÇÃO DE MULHERES UNIDAS

BRASIL 1960

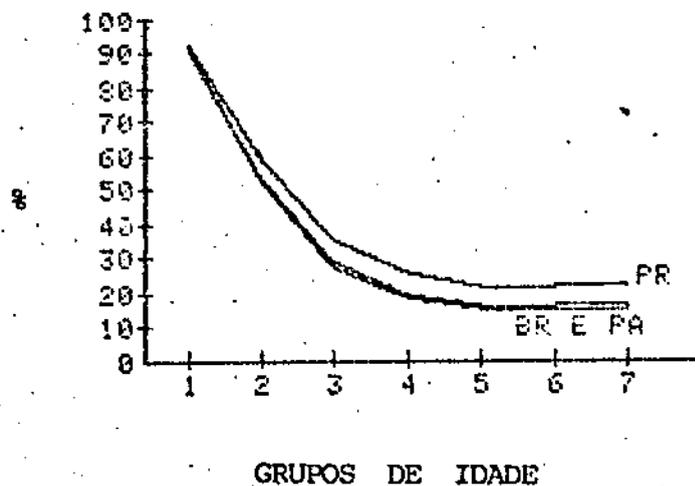
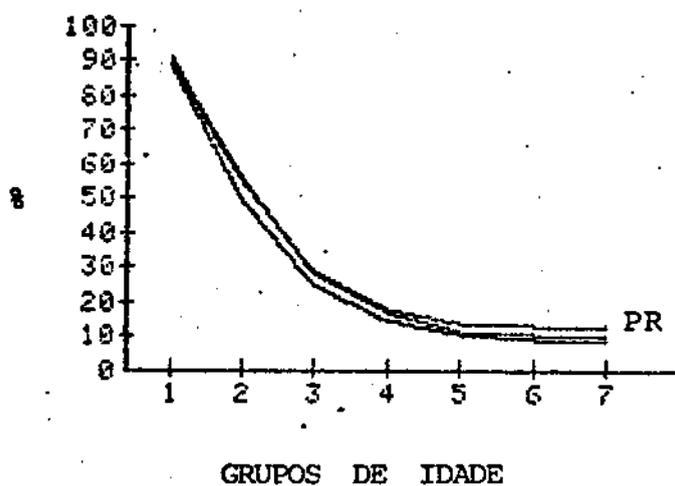


GRÁFICO 3 - PROPORÇÃO DE MULHERES SEM FILHOS

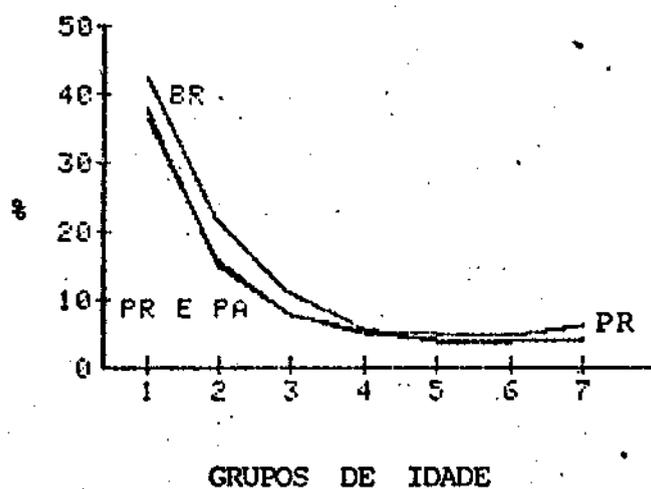
BRASIL 1980



Considerando o ano de 1980, a proporção de mulheres unidas sem filhos é maior para as pretas que para as pardas ou brancas a partir dos 35 anos de idade (Gráfico 4).

GRÁFICO 4 - PROPORÇÃO DE MULHERES UNIDAS SEM FILHOS

BRASIL 1980



Esses fatores convergem para uma menor fecundidade da mulher preta, levando a considerar a possibilidade de confirmação de ambas as hipóteses simultaneamente.

Avaliando os mesmos indicadores para as unidades analisadas, observam-se as mesmas características que a nível nacional, porém com diferenças de magnitude. Tomando, como indicador sintético para comparação, a proporção de mulheres de 45 a 49 anos sem filhos, observa-se, na Tabela 6:

TABELA 6 - PROPORÇÃO DE MULHERES DE 45 A 49 ANOS SEM FILHOS

1960 - 1980

| UNIDADE<br>e<br>ANO   | PROPORÇÃO DE MULHERES UNIDAS SEM FILHOS POR COR (%) |       |       |       |
|-----------------------|---|-------|-------|-------|
|                       | BRANCA  | PRETA | PARDA | TOTAL |
| <b>Brasil</b>         |   |       |       |       |
| 1960                  | 15.0  | 21.8  | 16.0  | 15.8  |
| 1980                  | 9.9   | 12.8  | 8.5   | 9.6   |
| <b>Bahia</b>          |   |       |       |       |
| 1960                  | 19.1  | 23.1  | 18.3  | 19.4  |
| 1980                  | 11.5  | 12.7  | 9.4   | 10.3  |
| <b>Minas Gerais</b>   |   |       |       |       |
| 1960                  | 15.8  | 21.9  | 14.9  | 16.3  |
| 1980                  | 12.6  | 15.3  | 10.5  | 12.3  |
| <b>São Paulo</b>      |   |       |       |       |
| 1960                  | 15.2  | 23.7  | 15.4  | 15.5  |
| 1980                  | 9.1   | 13.9  | 8.2   | 9.2   |
| <b>R.Grde. do Sul</b> |   |       |       |       |
| 1960                  | 13.8  | 20.1  | 18.0  | 14.3  |
| 1980                  | 9.9   | 12.4  | 9.9   | 10.0  |

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos, 1960 e 1980 - Tabulações Especiais.

Para ver o efeito possível da nupcialidade nas diferenças achadas para as mulheres pretas, calculou-se a taxa de unidas sem filhos para 1980, já que o dado equivalente para 1960 não está disponível:

TABELA 7 - PROPORÇÃO DE MULHERES UNIDAS SEM FILHOS

BRASIL 1980

| PROPORÇÃO DE MULHERES UNIDAS DE 45 a 49 ANOS SEM FILHOS, POR COR (%) |        |       |       |
|--|--------|-------|-------|
| UNIDADE  | BRANCA | PRETA | PARDA |
| Brasil   | 3.9    | 6.1   | 4.1   |
| Bahia  | 4.7    | 5.8   | 5.1   |
| Minas Gerais   | 4.7    | 7.7   | 4.1   |
| São Paulo  | 3.5    | 6.4   | 4.2   |
| R.Grde. do Sul   | 4,0    | 6,4   | 6,1   |

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos, 1980 - Tabulações Especiais

(\*) Dados pouco significativos estatisticamente.

Da observação das Tabelas 6 e 7 conclue-se que, mesmo que a nupcialidade influa no maior percentual de mulheres sem filhos entre as pretas, as diferenças por cor continuam quando se trabalha exclusivamente com mulheres unidas na data da pesquisa. A possível interferência de uma mortalidade diferencial por estado conjugal, deveria ser muito importante somente para a população preta, como para justificar as diferenças apontadas, e as análises mostram que, do ponto de vista da mortalidade não existe tanta distância entre pretos e par-

dos como a observada no caso da fecundidade.

Nos Gráficos 5 até 12, pode-se observar a proporção de mulheres sem filhos por faixa etária e cor, para os anos de 1960 e 1980.

GRÁFICO 5

% DE MULHERES SEM FILHOS POR COR  
BA - 1960

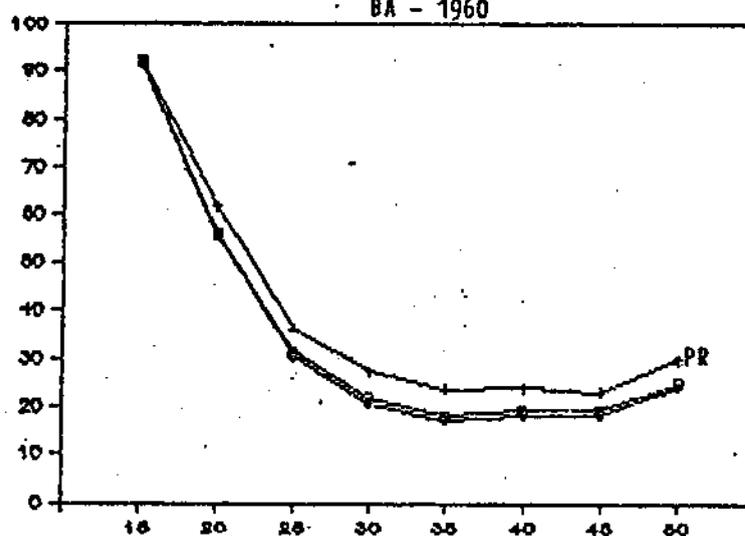


GRÁFICO 6

% DE MULHERES SEM FILHOS POR COR  
BA - 1980

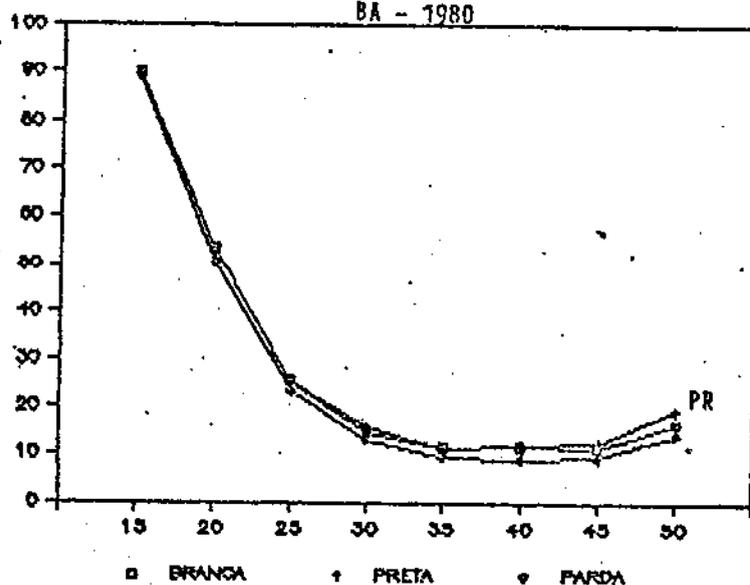


GRÁFICO 7

% DE MULHERES SEM FILHOS POR COR  
MG - 1960

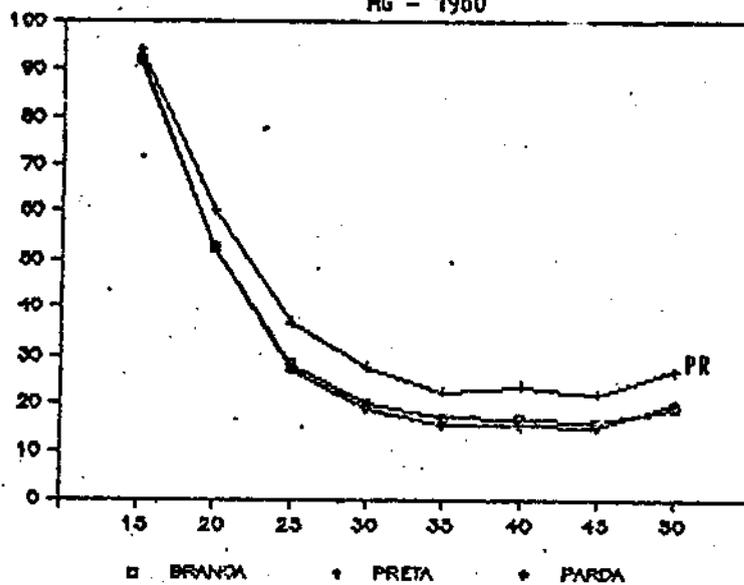


GRÁFICO 8

% DE MULHERES SEM FILHOS POR COR  
MG - 1980

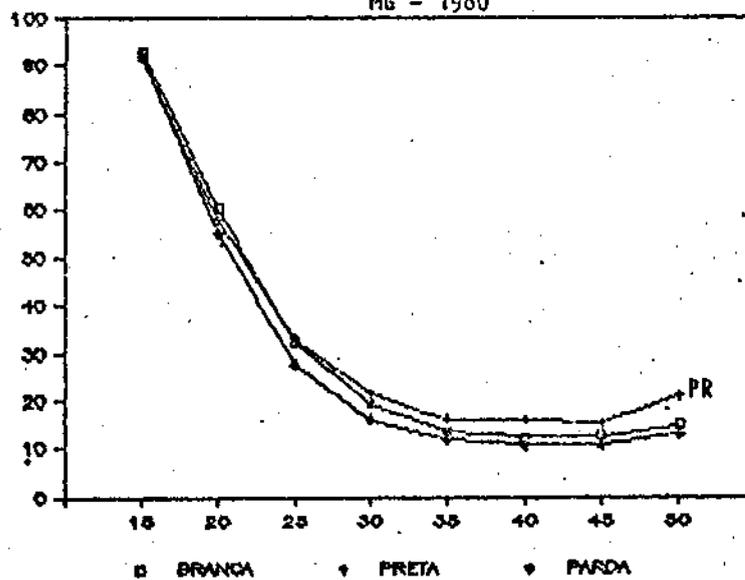


GRÁFICO 9

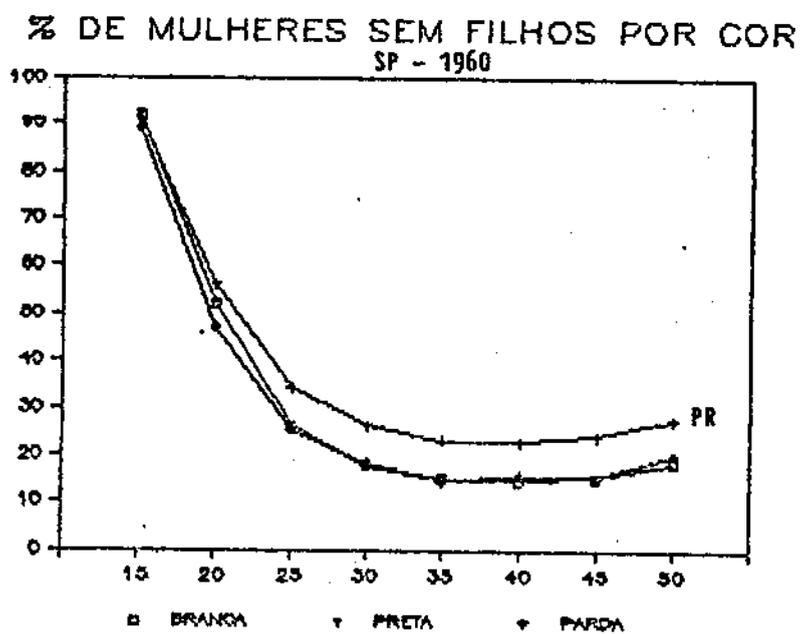


GRÁFICO 10

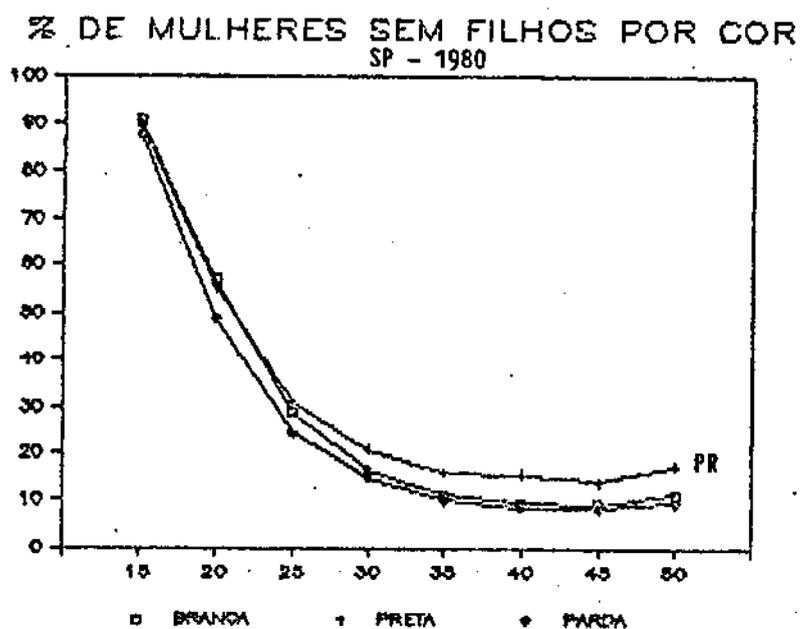


GRÁFICO 11

% DE MULHERES SEM FILHOS POR COR  
RS - 1960

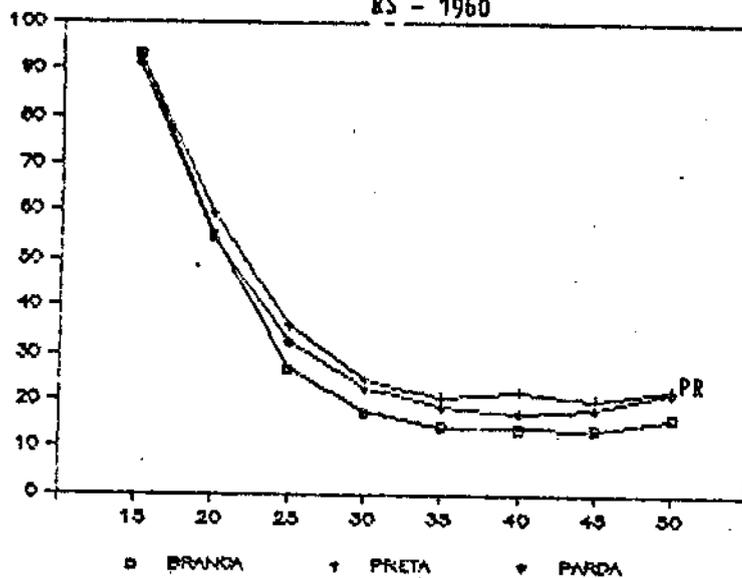
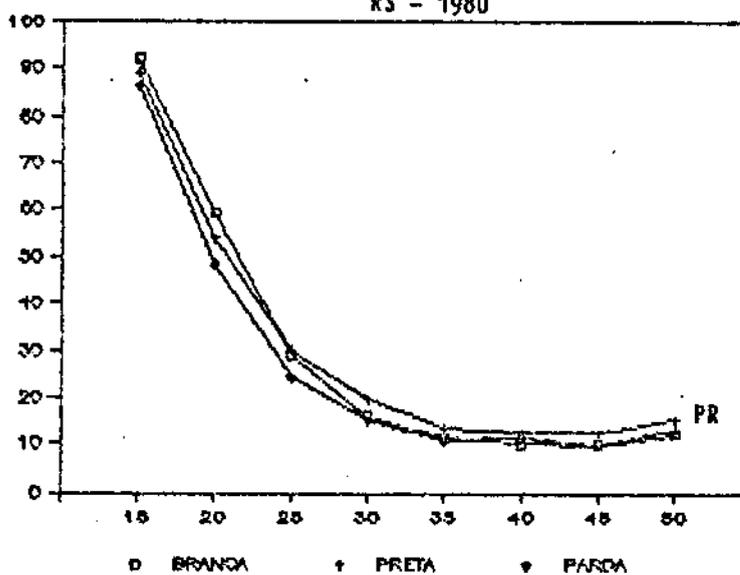


GRÁFICO 12

% DE MULHERES SEM FILHOS POR COR  
RS - 1980



#### 4. Taxas de Fecundidade Total - 1940-1984

Estimaram-se as taxas de fecundidade total por cor para os anos de 1940, 1950, 1960, 1980 e 1984, segundo a técnica de Brass. Como os dados desagregados do Censo de 1960, só estão disponíveis no Banco de Dados do FIBGE para parte das Unidades da Federação, estimaram-se os valores correspondentes em 1980, de modo a fazer comparáveis a estimativas. Temos, então, dois conjuntos de estimativas de fecundidade para 1980: um deles comparável com 1960, e outro comparável com os demais anos. (Ver questões metodológicas no item 7.2).

Os valores assim obtidos, figuram na Tabela 8.

TABELA 8 - TAXAS DE FECUNDIDADE TOTAL POR COR  
BRASIL 1940 - 1984

| A N O S     | FECUNDIDADE POR COR |       |       |       |
|-------------|---------------------|-------|-------|-------|
|             | BRANÇA              | PRETA | PARDA | TOTAL |
| 1940        | 5.99                | 5.53  | 6.28  | 5.98  |
| 1950        | 6.07                | 5.80  | 6.92  | 6.25  |
| 1960        | 6.16                | 5.79  | 6.85  | 6.27  |
| 1980(parç)  | 3.44                | 4.86  | 5.25  | 4.07  |
| 1980(total) | 3.56                | 5.12  | 5.63  | 4.36  |
| 1984        | 2.96                | 4.30  | 4.38  | 3.53  |

Fonte: FIGBE, Censos Demográficos 1940, 1950.  
Censos Demográficos: 1960, 1980, PNAD 1984: Tabulações Especiais.

Como não se dispõe de informação sobre filhos nascidos no último ano para os anos de 1940, 1950 e 1960, utilizou-se a metodologia proposta por Carvalho (1974) para as estimativas de fecundidade baseadas na informação desses anos.

Escolheu-se, como aproximação dos padrões "reais" do período, o padrão de fecundidade do Brasil em 1970, após vários ensaios e comparação das parturições para diversos anos, Unidades da Federação e cores. Observou-se que também o padrão de Minas Gerais em 1970 seria aceitável pelos critérios adotados na escolha, tendo sido testados os padrões de Bahia 1970, Brasil rural 1970 e várias combinações de cor e região para 1980.

A partir dos ensaios realizados, observou-se também que as estimativas de fecundidade são extremamente sensíveis à escolha do padrão, recomendando cautela na utilização dos resultados obtidos.

A grande queda da fecundidade nas mulheres brancas entre 1960 e 1980 (-44%), provocou que pela primeira vez, a fecundidade das mulheres pretas superasse a das primeiras.

De confirmar-se os valores para 1984, chegou a vez da diminuição das taxas de fecundidade das mulheres pardas (queda de 22% entre 1980 e 1984), e portanto em 1984 a fecundidade de pretas e pardas assemelhar-se-ia mais.

Neste caso, parece diminuir a brecha existente entre os níveis de fecundidade dos grupos branco e pardo, que ampliara-se ao longo do período de 1940-80. A diferença de fecundidade entre pardas, pretas e brancas evoluiu, segundo a Tabela 9:

TABELA 9 - RELAÇÃO ENTRE A FECUNDIDADE DAS MULHERES POR COR

| A N O S     | DIFERENÇA (%)  |                |
|-------------|----------------|----------------|
|             | PARDA / BRANCA | PRETA / BRANCA |
| 1940        | 4.8            | - 10.7         |
| 1950        | 14.0           | - 4.4          |
| 1960        | 11.2           | - 6.0          |
| 1980(parç)  | 52.6           | 41.3           |
| 1980(total) | 58.0           | 43.8           |
| 1984        | 48.0           | 45.3           |

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos 1940, 1950  
Censos Demográficos 1960, 1980; PNAD 1984: Tabulações especiais

Nos Gráficos 13 a 16 podem observar-se as variações nas taxas específicas de fecundidade ajustadas, para os diversos grupos de cor e o total.

A observação desses gráficos confirma mais uma vez a violenta queda da fecundidade das mulheres brancas entre 60 e 80, e a intensidade no declínio da mesma taxa para as mulheres pardas entre 80 e 84.

GRÁFICO 13

TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE - POPULAÇÃO BRANCA  
FEC. AJUSTADA

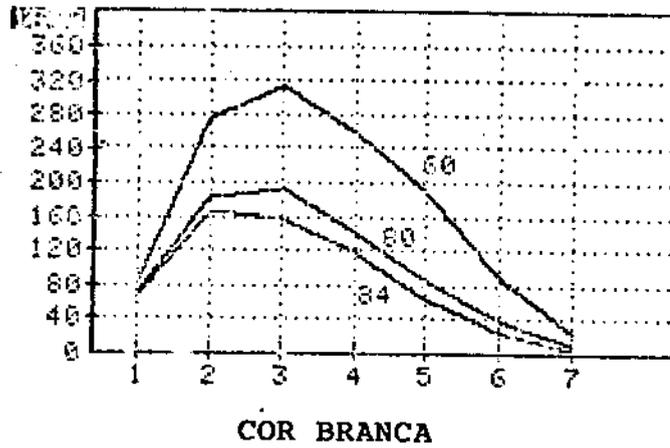


GRÁFICO 14

TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE - POPULAÇÃO PRETA  
FEC. AJUSTADA

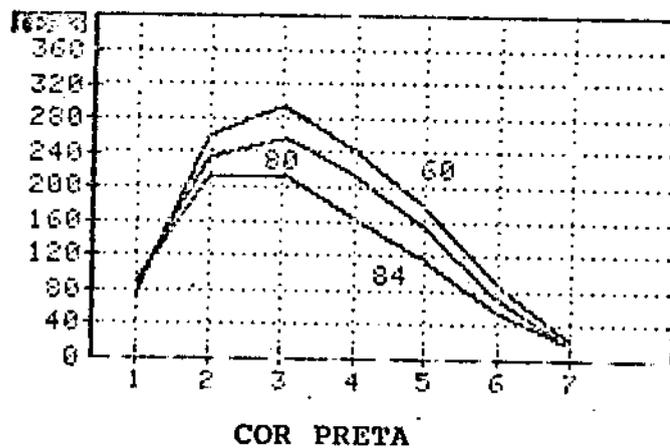


GRÁFICO 15

TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE - POPULAÇÃO PARDA

FEC. AJUSTADA

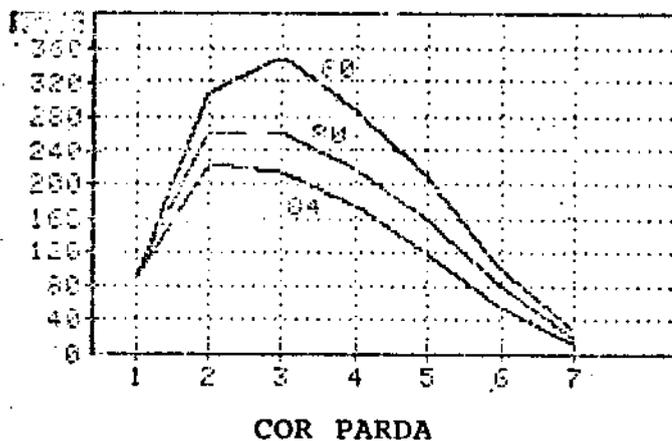
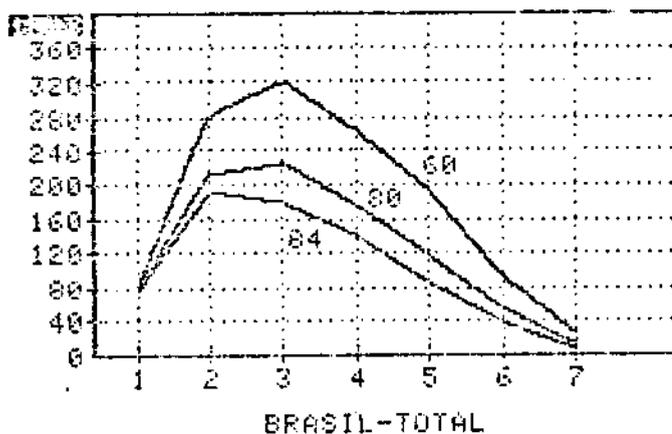


GRÁFICO 16

TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE - POPULAÇÃO TOTAL

FEC. AJUSTADA



Analogamente, calcularam-se as taxas de fecundidade total para as Unidades em estudo. Esta vez, mostraram ser mais apropriados como padrões para 1960, os padrões de cada Unidade em 1970, e não o padrão Brasil 70, que, para alguns estados, se afastava bastante dos valores compatíveis com as parturições observadas em 1960. Na Tabela 10 figura o resultado obtido:

TABELA 10 - TAXAS DE FECUNDIDADE TOTAL - 1960-1984

| Unidades da<br>Federação<br>e<br>Anos | FECUNDIDADE POR COR |       |       |       |
|---------------------------------------|---------------------|-------|-------|-------|
|                                       | BRANCA              | PRETA | PARDA | TOTAL |
| <b>Bahia</b>                          |                     |       |       |       |
| 1960                                  | 7.45                | 6.54  | 7.58  | 7.37  |
| 1980                                  | 5.27                | 6.86  | 6.52  | 6.25  |
| 1984                                  | 4.68                | 5.37  | 5.20  | 5.05  |
| <b>Minas Gerais</b>                   |                     |       |       |       |
| 1960                                  | 7.59                | 6.46  | 7.97  | 7.55  |
| 1980                                  | 3.78                | 5.07  | 5.25  | 4.34  |
| 1984                                  | 3.04                | 3.51  | 3.92  | 3.37  |
| <b>São Paulo</b>                      |                     |       |       |       |
| 1960                                  | 4.73                | 4.95  | 6.09  | 4.77  |
| 1980                                  | 3.06                | 3.86  | 4.01  | 3.26  |
| 1984                                  | 2.67                | 3.48  | 3.50  | 2.86  |
| <b>R.Grde.Sul</b>                     |                     |       |       |       |
| 1960                                  | 5.04                | 5.23  | 5.82  | 5.09  |
| 1980                                  | 3.01                | 3.90  | 4.15  | 3.13  |
| 1984                                  | 2.54                | 2.90  | 4.70  | 2.67  |

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos, 1960 e 1980 - PNAD 1984 : Tabulações especiais.

A constatação é que aparentemente, a queda mais violenta da fecundidade de mulheres brancas se deu em Minas Gerais, no período 60-80, com uma diminuição de 50%. Na Bahia se teve uma queda mais moderada, já que ainda conserva uma fecundidade bastante elevada, e para São Paulo e Rio Grande do Sul a queda já tinha começado nas décadas anteriores. Enquanto à população parda, chegou a vez de diminuir a fecundidade, seja na década de 70, seja na década seguinte, começando a assemelhar-se com os valores obtidos para as mulheres brancas.

Observar que, mesmo para 1960, a fecundidade das mulheres pretas era maior que a das brancas para São Paulo e Rio Grande do Sul, devido à queda já experimentada por estas últimas.

A análise dos valores das razões P/F, que contem fecundidade acumulada com fecundidade do último ano, confirma as observações, efetuadas, como pode ser observado nos Gráficos 17 a 21:

GRÁFICO 17

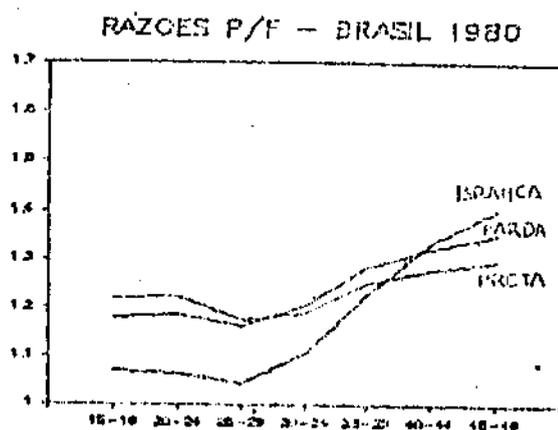


GRÁFICO 18

## RAZOES P/F — BAHIA 1980

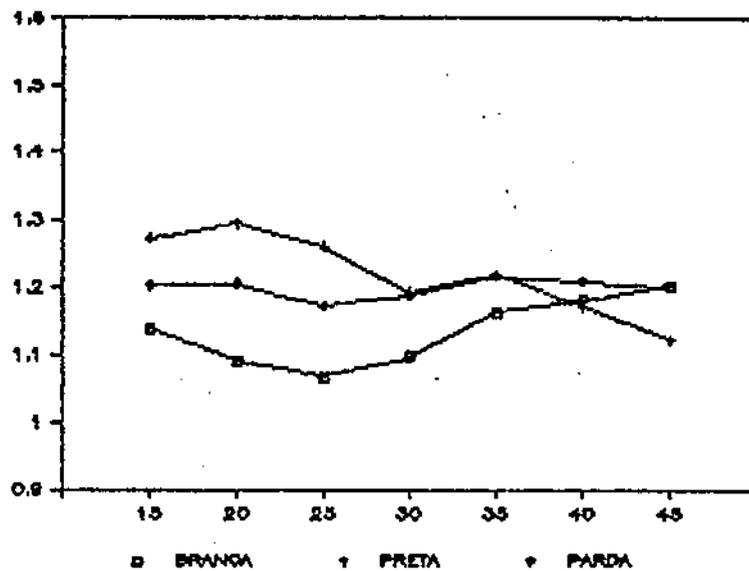


GRÁFICO 19

## RAZOES P/F — MINAS GERAIS 1980

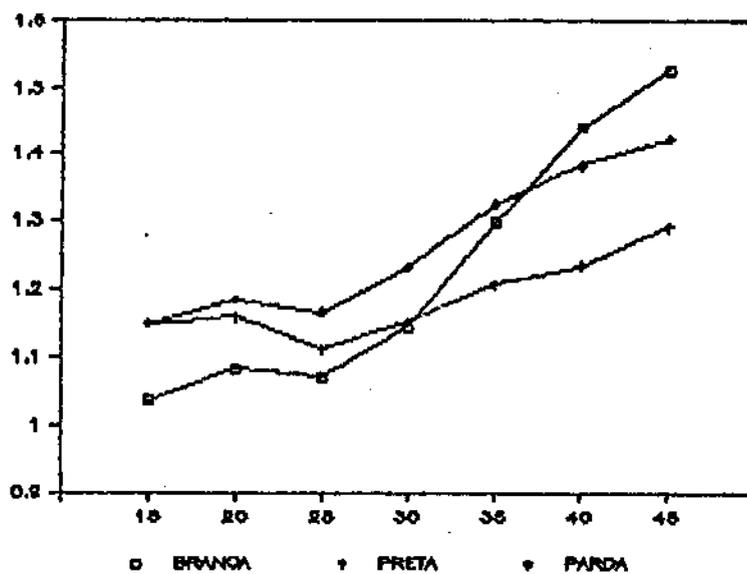


GRÁFICO 20

RAZÕES P/F — SAO PAULO 1980

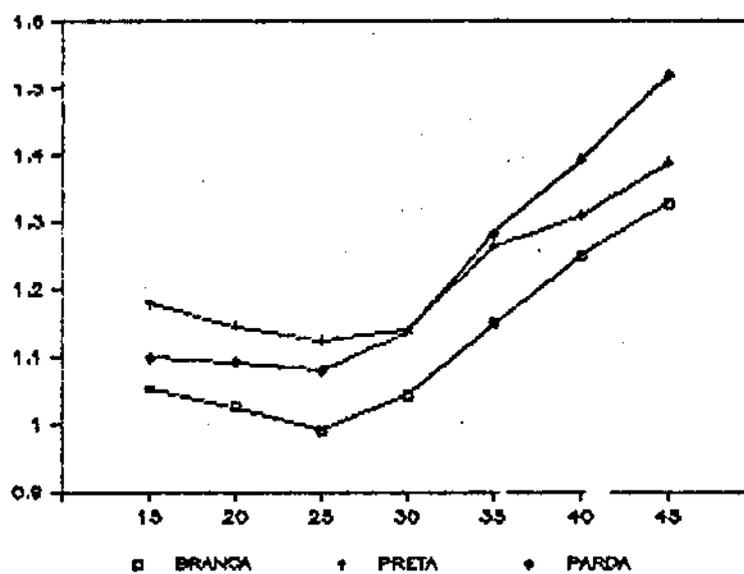
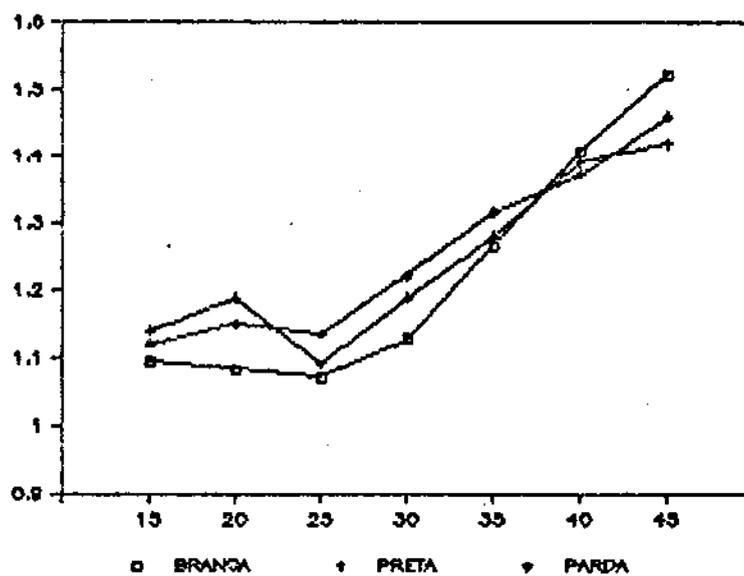


GRÁFICO 21

RAZÕES P/F — RIO GRANDE DO SUL 1980



Constata-se, no Gráfico 17, a queda violenta da fecundidade das mulheres brancas para o Brasil em seu conjunto, as variações moderadas na Bahia (Gráfico 18), a grande variação para as mulheres brancas em Minas Gerais (gráfico 19), seguida por pardas e pretas, a vez da queda da fecundidade das mulheres pardas em São Paulo e Rio Grande do Sul (gráficos 20 e 21).

Por outra parte, na Bahia se observam valores de P/F maiores que as outras Unidades, implicando em menor grau de consistência interna das informações, com respeito as outras Unidades analisadas, como já tinha sido apontado em trabalhos anteriores (Bercovich, 1986.a). Outro fato apontado nesse trabalho é que em alguns estados - os mais desenvolvidos e com maior oferta de serviços públicos, e também com maior acesso dos meios de comunicação - como é o caso de São Paulo e Rio Grande do Sul, as razões se acompanham evidenciando um mesmo percurso dos indicadores demográficos, que dependem mais da variável "geográfica" que da cor (Gráficos 20 e 21).

## 5. Fecundidade por cor e grupos de instrução da mãe

Analisou-se a fecundidade das mulheres pertencentes a diversos níveis de instrução. O percentual de mulheres em idade fértil sem instrução ou com menos de um ano de estudo por idade e cor, figura na Tabela 11.

TABELA 11 - PROPORÇÃO DE MULHERES SEM INSTRUÇÃO, SEGUNDO GRUPO ETÁRIO E CÔR - 1980

| IDADE       | PROPORÇÃO DE MULHERES SEM INSTRUÇÃO POR CÔR |       |       |       |
|-------------|---|-------|-------|-------|
|             | BRANCA                                      | PRETA | PARDA | TOTAL |
| 15-19       | 8.0   | 23.2  | 23.3  | 14.9  |
| 20-24       | 9.5   | 26.4  | 26.3  | 16.6  |
| 25-29       | 11.9  | 33.6  | 31.8  | 20.1  |
| 30-34       | 15.5  | 39.2  | 39.5  | 25.2  |
| 35-39       | 19.2  | 47.7  | 46.5  | 30.5  |
| 40-44       | 23.2  | 51.8  | 51.1  | 34.6  |
| 45-49       | 27.7  | 57.8  | 56.6  | 39.2  |
| TOTAL 15-49 | 19.8  | 44.5  | 40.9  | 28.7  |

Fonte: Fundação Seade - Tabulações especiais da amostra 3%, Censo Demográfico 1980.

Duas observações depreendem-se dos dados apresentados na Tabela:

. A proporção de mulheres sem instrução aumenta com

a idade, dando idéia de uma melhora no nível de instrução da mulher ao longo das últimas décadas.

- . O diferencial por cor é enorme para todas as idades, sendo maior para os grupos mais jovens e diminuindo com a idade. O percentual de pretas sem instrução é 2,9 vezes o de brancas para o grupo de 15 a 19 anos chegando a 2,1 vezes para o último grupo de idade. Isso parece mostrar que a melhora geral no nível de instrução das mulheres não foi uniforme para os grupos de cor: também favoreceu às mulheres brancas.

Feitas essas ressalvas que sem dúvida influem nos cálculos da fecundidade, estimaram-se as taxas de fecundidade total para grandes grupos de instrução. A escolha destes grupos foi feita para tentar poupar ao máximo os problemas que a mudança entre grupos poderia ocasionar, assim como a correlação entre fatores.

Decidimos então, trabalhar, de acordo com as necessidades da análise, com os grupos: sem instrução, sem instrução até 3 anos de estudo, 1 anos ou mais de estudo, 4 anos ou mais de estudo. Como pode apreciar-se, estes grupos não tem interseção vazia e são utilizados conforme as conveniências da análise. O suposto básico por nós nessa escolha, é que o número de mudanças entre os pares de grupos não coincidentes, será desprezível para as mulheres em idade fértil.

Na Tabela 12, figuram as taxas respectivas:

TABELA 12 - FECUNDIDADE TOTAL SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO E COR - 1980

| NÍVEL DE<br>INSTRUÇÃO       | FECUNDIDADE TOTAL POR COR |       |       |       |
|-----------------------------|---------------------------|-------|-------|-------|
|                             | BRANCA                    | PRETA | PARDA | TOTAL |
| Sem Instrução               | 6.04                      | 7.18  | 7.55  | 6.97  |
| 1 Ano ou Mais<br>de Estudo  | 3.26                      | 3.93  | 4.62  | 3.68  |
| Até 3 Anos de<br>Estudo     | 5.40                      | 6.52  | 7.22  | 6.35  |
| 4 Anos ou Mais<br>de Estudo | 2.86                      | 3.07  | 3.69  | 3.07  |
| 8 Anos ou Mais<br>de Estudo | 2.18                      | 2.05  |       |       |

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos 1980 - Tabulações especiais.

Da observação da tabela depreende-se que:

1. As diferenças entre as categorias extremas de instrução dentro de cada grupo de cor, são sempre mais acentuadas para a população preta que para o resto.

Como exemplo, ao comparar as categorias sem instrução e 8 anos ou mais de estudo, a diferença dentro do grupo branco é de 177%, contra 250% do grupo preto.

Já comparando a primeira categoria com o grupo de 4 anos ou mais de estudo (primário completo),

aparecem diferenças de 112% para as mulheres brancas, 134% para as pretas e 104% para o grupo pardo. Poderia observar-se, então, uma influência maior do nível de instrução na população preta que na branca ou parda.

2. Inversamente, comparando a fecundidade para um mesmo nível de instrução, a diferença na fecundidade das mulheres pretas e brancas sem instrução é de 20%, e só 5% entre pardas e pretas.

Passando ao grupo com primário completo, a diferença entre a fecundidade de brancas e pretas diminui para 7%, aumentando a brecha com a taxa das pardas para 20%. Nos Gráficos 22 e 23 podem observar-se as taxas específicas de fecundidade dos grupos sem instrução e com primário completo respectivamente, mostrando as diferenças apontadas entre os três grupos.

É interessante observar, então, que para níveis baixos de instrução, o comportamento de pretos e pardos é semelhante, diferindo da população branca; para níveis mais elevados de instrução, o padrão de fecundidade das mulheres pretas assemelha-se mais do das brancas, afastando-se do outro grupo.

Uma hipótese a ser testada a partir destas observa-

ções: a absorção de valores culturais da comunidade dominante, e sua influência na fecundidade para níveis mais elevados de instrução do grupo preto.

GRÁFICO 22

FEC. AJUSTADA (S/ INSTR.)

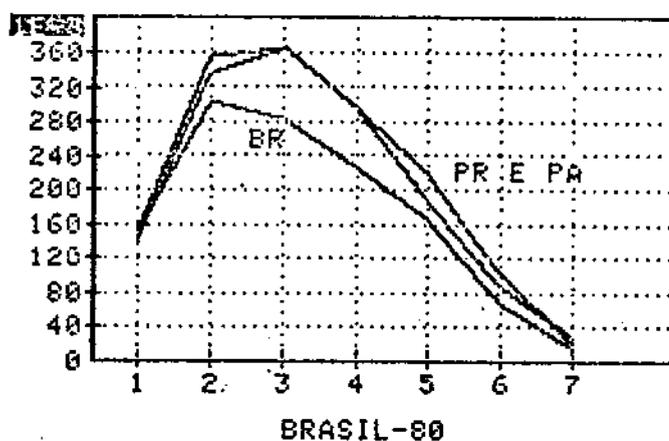
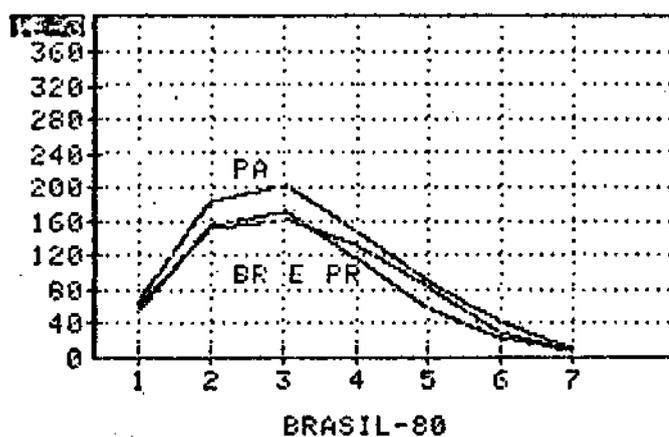


GRÁFICO 23

FECUNDIDADE AJUSTADA (4 e + ANOS DE ESTUDO)



Calcularam-se os mesmos indicadores a nível de Unidades da Federação, os quais constam na Tabela 13:

TABELA 13 - PROPORÇÃO DE MULHERES DE 15 a 49 ANOS SEM INSTRUÇÃO POR COR - 1980

| Unidades da Federação | C O R  |       |       | TOTAL |
|-----------------------|--------|-------|-------|-------|
|                       | BRANCA | PRETA | PARDA |       |
| Brasil                | 19.8   | 44.5  | 40.9  | 28.7  |
| Bahia                 | 35.6   | 54.5  | 46.6  | 44.9  |
| Minas Gerais          | 14.6   | 34.7  | 28.4  | 20.7  |
| São Paulo             | 10.1   | 20.9  | 20.7  | 12.6  |
| Rio Grde. Sul         | 3.2    | 21.3  | 20.7  | 9.7   |

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 1980: Tabulações especiais

Novamente observam-se diferenças regionais enormes entre Nordeste - representado neste caso pela Bahia - e o Sudeste. Note-se que mais da metade das mulheres pretas da Bahia entre 15 e 49 anos não tem instrução, contra um terço das de Minas e um quinto das paulistas.

Outra constatação importante, e que é coerente com algumas observações de Cleland e Wilson (1987) com respeito à transição da fecundidade, é a de que as diferenças regionais são mais importantes que as diferenças entre grupos étnicos na mesma Unidade da Federação: enquanto a proporção de pretas ou brancas sem instrução na Bahia duplica ou triplica os valo-

res análogos para São Paulo, a proporção de mulheres pretas sem instrução na Bahia é 53% maior que a proporção de brancas sem estudo no mesmo estado.

Analizamos então, as taxas de fecundidade total para os níveis extremos de instrução, segundo as Unidades em estudo:

TABELA 14 - FECUNDIDADE TOTAL SEGUNDO NÍVEIS DE INSTRUÇÃO - 1980

| Unidades da Federação e Anos de Estudo | FECUNDIDADE POR COR |       |       |       |
|--|---------------------|-------|-------|-------|
|  | BRANCA              | PRETA | PARDA | TOTAL |
| <b>Bahia</b>                           |                     |       |       |       |
| Sem instrução                          | 7.98                | 8.48  | 7.95  | 7.92  |
| 1 a 3 anos                             | 6.34                | 7.88  | 7.62  | 7.30  |
| 4 anos e +                             | 3.82                | 4.94  | 4.03  | 4.12  |
| <b>Minas Gerais</b>                    |                     |       |       |       |
| Sem Instrução                          | 6.56                | 6.24  | 7.15  | 6.66  |
| 1 a 3 anos                             | 5.41                | 5.92  | 6.11  | 5.69  |
| 4 anos e +                             | 3.00                | 2.79  | 3.51  | 3.13  |
| <b>São Paulo</b>                       |                     |       |       |       |
| Sem Instrução                          | 4.74                | 6.19  | 5.58  | 5.12  |
| 1 a 3 anos                             | 4.06                | 5.78  | 4.41  | 4.24  |
| 4 anos e +                             | 2.73                | 2.93  | 3.37  | 2.81  |
| <b>R.Grde. Sul</b>                     |                     |       |       |       |
| Sem Instrução                          | 5.04                | 5.16  | 5.12  | 5.06  |
| 1 a 3 anos                             | 4.65                | 4.78  | 5.19  | 4.72  |
| 4 anos e +                             | 2.67                | 3.78  | 3.56  | 2.74  |

Fonte: FIBGE - F.SEADE - Censo Demográfico 1980: Tabulações especiais.

A este nível, São Paulo mostra uma situação semelhante ao observado a nível nacional: para níveis baixos de instrução, a fecundidade da população preta e parda é alta, diferindo da taxa apresentada pelas mulheres brancas em mais de 30%. Para 4 anos ou mais de instrução, a diferença entre a fecundidade de pretas e brancas estreita-se para 7%, diferindo da taxa respectiva para as mulheres pardas.

Já na Bahia, a fecundidade da mulher preta é a maior para todos os níveis de instrução, seguida pela taxa respectiva das pardas.

Porém, constata-se mais uma vez, que as diferenças entre níveis de instrução são mais importantes que as próprias diferenças entre o comportamento dos grupos étnicos: a brecha entre a fecundidade das mulheres sem instrução e aquelas com 4 ou mais anos de estudo, é sempre maior, para todas as Unidades estudadas, que as diferenças extremas entre as diversas cores.

## 6. Fecundidade Marital

A preocupação com a possível influência da nupcialidade na fecundidade da população preta, levou ao estudo da fecundidade marital, estimando também o "grau de controle" da fecundidade segundo metodologia proposta por Coale (1971).

Comparou-se, na Tabela 15, a fecundidade marital e a fecundidade total por cor, com o intuito de através das diferenças entre uma e outra para cada cor, comprovar a influência da nupcialidade na fecundidade total.

TABELA 15 - COMPARAÇÃO ENTRE FECUNDIDADE MARITAL E FECUNDIDADE TOTAL POR COR - 1980

| C O R  | F E C U N D I D A D E |                      |               |
|--------|-----------------------|----------------------|---------------|
|        | MARITAL               | GERAL <sup>(*)</sup> | DIFERENÇA (%) |
| Branca | 4.306                 | 3.353                | 28,4          |
| Preta  | 5.594                 | 4.118                | 35.8          |
| Parda  | 5.913                 | 4.706                | 25.6          |

Fonte: FUNDAÇÃO SEADE - Tabulações especiais do Censo Demográfico de 1980

(\*) Taxa de fecundidade sem corrigir

Constata-se então, o já previsível a partir dos estudos da nupcialidade: esta influe na diferença entre fecun-

didades da população por cor, dada a menor proporção de unidas, em geral, no grupo preto (a diferença entre fecundidade marital e geral é de 35,8%, contra 28 e 27% para os outros grupos).

Ao comparar o grau de controle da fecundidade, porém, para as mulheres unidas, observa-se que é maior entre as mulheres pretas que as pardas, sendo o máximo atingido pelo grupo branco. Na Tabela 16 figuram os valores obtidos:

TABELA 16 - GRAU DE CONTROLE DA FECUNDIDADE MARITAL - 1980

| C O R  | GRAU DE CONTROLE DA<br>FEC. MARITAL | DESVIO PADRÃO | M<br>(Fator escala) |
|--------|-------------------------------------|---------------|---------------------|
| Branca | 0.693                               | 0.097         | 0.665               |
| Preta  | 0.507                               | 0.063         | 0.787               |
| Parda  | 0.405                               | 0.125         | 0.796               |
| Total  | 0.565                               | 0.078         | 0.720               |

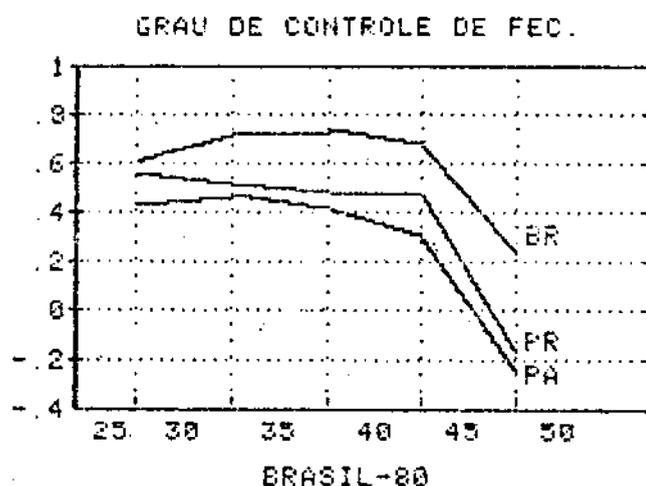
Fonte: F.SEADE - Tabulações especiais do Censo Demográfico de 1980.

É interessante observar que esse "grau de controle" observado, inclui, "além do uso de mecanismos de anticoncepção voluntários, outros aspectos que interferem na reprodução, tais como infertilidade por problemas de saúde, ruptura de uniões, etc" (Altmann e Wong, 1983).

Outro ponto que vale destacar, é que o grau de con-

trole observado para a população parda em 1980, é semelhante ao observado por Altmann e Wong (1983) para o Brasil em 1970. No Gráfico 24 figuram os valores do grau de controle para os diversos grupos etários e cores.

GRÁFICO 24



Analisando o mesmo indicador para as Unidades selecionadas, cujos valores figuram na Tabela 17, observou-se que, com exceção da Bahia, as mulheres pretas unidas controlariam mais a fecundidade que as pardas na mesma situação.

A população preta da Bahia mostrou ter sempre um comportamento diferenciado daquele das outras Unidades estudadas, com taxas de fecundidade total mais elevadas para a população preta que o resto, e, como depreende-se da Tabela, um

grau de controle menor da fecundidade dentro do casamento, incluídas nesta categoria as uniões consensuais.

TABELA 17 - GRAU DE CONTROLE DA FECUNDIDADE MARITAL-UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1980

| UNIDADES     | GRAU DE CONTROLE POR COR (m) |       |       |       |
|--------------|------------------------------|-------|-------|-------|
|              | BRANCA                       | PRETA | PARDA | TOTAL |
| Bahia        | 0.42                         | 0.28  | 0.33  | 0.35  |
| Minas Gerais | 0.42                         | 0.53  | 0.43  | 0.43  |
| São Paulo    | 0.89                         | 0.58  | 0.63  | 0.83  |
| R.Grde.Sul   | 0.67                         | 0.72  | 0.70  | 0.68  |

Fonte: F.SEADE - Tabulações especiais do Censo Demográfico de 1980

Na tabela 18 comparam-se as taxas de fecundidade total e marital por cor para Bahia e Minas Gerais.

TABELA 18 - FECUNDIDADE TOTAL E MARITAL

| UNIDADE<br>e<br>COR | FECUNDIDADE |              |               |
|---------------------|-------------|--------------|---------------|
|                     | TOTAL (*)   | MARITAL (**) | DIFERENÇA (%) |
| Bahia               |             |              |               |
| Branca              | 5.0168      | 6.3866       | 27.3          |
| Preta               | 5.1968      | 6.9525       | 33.8          |
| Parda               | 5.4156      | 6.8383       | 26.3          |
| Total               | 5.2959      | 6.7384       | 27.2          |

(continua...)

(continuação)

TABELA 18 - FECUNDIDADE TOTAL E MARITAL

| UNIDADE<br>e<br>COR | FECUNDIDADE |              |               |
|---------------------|-------------|--------------|---------------|
|                     | TOTAL (*)   | MARITAL (**) | DIFERENÇA (%) |
| <b>Minas Gerais</b> |             |              |               |
| Branca              | 3.5218      | 4.8155       | 36.7          |
| Preta               | 4.2116      | 6.036        | 43.3          |
| Parda               | 4.2994      | 5.6997       | 32.6          |
| Total               | 3.823       | 5.1844       | 35.6          |

Fonte: F.SEADE - Tabulações especiais do Censo Demográfico de 1980

OBS.: (\*) - sem correção

(\*\*) - retirando a fecundidade específica do primeiro grupo etário.

Para todos os estados analisados, a diferença maior entre fecundidade total e marital se dá, ao igual que para o total do país, para a população preta, mostrando influência da menor nupcialidade. Na população parda se dão as menores diferenças percentuais.

O suposto implícito nesta comparação é que a qualidade das declarações de fecundidade independe do estado conjugal dentro de cada cor, ou se altera de forma parecida para todas as cores.

#### 6.1 Fecundidade marital e instrução

Analisou-se a fecundidade marital e o "grau de cor"

trole" da fecundidade para grandes grupos de instrução.

Na Tabela 19 constam os resultados obtidos para o Brasil:

**TABELA 19 - GRAU DE CONTROLE DA FECUNDIDADE MARITAL POR GRUPOS DE INSTRUÇÃO**

| Nível de<br>Instrução                    | GRAU DE CONTROLE (m) |       |       |
|--|----------------------|-------|-------|
|  | BRANCA               | PRETA | PARDA |
| Sem Instrução e menos de 1 ano de estudo | 0,44                 | 0,32  | 0,29  |
| 4 anos e mais de estudo                  | 0,84                 | 0,84  | 0,67  |

Fonte: F.SEADE - Tabulações especiais do Censo Demográfico de 1980

Interessante observar que também com o grau de controle da fecundidade marital acontece o mesmo que notamos na fecundidade total: para níveis baixos de instrução, o grau de controle de pretas e pardas é semelhante, afastando-se do comportamento das mulheres brancas, que controlam mais. Já para pessoas com ao menos primário completo, as pretas assemelham-se em comportamento às brancas, diferenciando-se das mulheres que declararam cor parda, que aparentemente tem um grau de controle menor.

Efetivamente, para as mulheres sem instrução, existe

uma diferença de quase 40% entre o grau de controle de brancas e pretas, essa diferença anula-se para o grupo que tem 4 anos ou mais de estudo.

As mesmas hipóteses formuladas anteriormente, podem então ser sustentadas para a população unida.

## 7. Algumas Questões Metodológicas

### 7.1 O problema da comparabilidade entre os dados

Trabalhar com dados censitários discriminados por cor apresenta dificuldades, já que as respostas a essa questão não são necessariamente comparáveis ao longo do tempo, nem mesmo entre regiões para uma mesma pesquisa, dependendo das subjetividades do informante e o entrevistador. Porém, como o próprio Mortara já o afirmava, apesar dos critérios variáveis na discriminação da cor, "a maioria preponderante dos que seriam qualificados brancos ou pretos segundo padrões cientificamente determinados, fica atribuída, respectivamente, a estes grupos de cor" (Mortara, 1962).

Conclusão análoga depreende-se da análise dos resultados da PNAD 1976, na qual foram formuladas as perguntas de cor de modos diversos e cruzadas as informações respectivas.

Apesar dos limites imprecisos e variáveis entre os diversos grupos, observam-se diferenças sistemáticas entre eles, impossíveis de serem atribuídas a meras variações estatísticas, encorajando a abordagem aqui proposta.

## 7.2 Os dados do Censo de 1960, e a comparabilidade com 1980.

Para algumas análises, foram utilizadas tabulações especiais, já que a publicação não oferecia o nível de desagregação necessário. Foi o caso das estimativas de fecundidade por cor para o Censo de 1960. Não estavam disponíveis no FIBGE, porém, a totalidade das fitas dos Estados do Brasil, como consequência dos problemas na apuração dos dados de 1960. Trabalhou-se então, com a soma dos registros pertencentes aos estados disponíveis no FIBGE. Ficaram excluídos da análise os estados da Região Norte, Maranhão, Espírito Santo, Piauí, Guanabara e Santa Catarina. Em termos de mulheres de 15 anos e mais - o grupo de interesse para este estudo - isto representa uma falta de 20,4%.

Para que estes dados fossem comparáveis aos de 1980, foi feita uma segunda apuração para 1980 - chamada 1980p. no trabalho - retirando as unidades não disponíveis para 1960, de modo que, quando se trabalhava exclusivamente com dados de 1960 e 1980, se utilizavam magnitudes compatíveis. Para outras comparações, utilizou-se o dado global para 1980, denominado 1980 t. no texto. A ausência de indicação implica a utilização do valor correspondente ao total do Brasil.

### 7.3 Técnicas utilizadas

Tentou-se avaliar a fecundidade por meio de vários indicadores, nenhum deles totalmente satisfatório. As taxas cumulativas de fecundidade que utilizava Mortara, levam em si o problema do esquecimento das mulheres do número de filhos nascidos vivos (talvez esquecendo mais aqueles que já morreram). Com efeito, esta taxa mede o número médio de filhos nascidos vivos declarados pelas mulheres de 15 anos e mais, padronizado, neste caso, pela estrutura etária das mulheres em 1980.

Para tentar minorar este problema, calculou-se o mesmo indicador para as mulheres de 15 a 49 anos, chegando a conclusões parecidas.

Por último, utilizou-se o método proposto por Brass (1968) para avaliar a fecundidade total, incorporando a variante proposta por Coale & Trussel (1974). Como para os anos de 1940, 1950 e 1960 não se dispunha de dados para os nascidos no último ano, utilizou-se a técnica de padronização proposta por Carvalho (1974), que consiste em imputar um padrão de fecundidade que, pelas análises realizadas seja compatível com os dados em estudo, e alterar o nível de modo a ficar coerente com as informações sobre parturição disponíveis. Nos testes realizados com vários padrões possíveis para escolha, observou-se que os valores da fecundidade são muito sensíveis a

esta variação, recomendando-se cautela na utilização dos resultados, especialmente para datas mais afastadas.

A constância das conclusões retiradas a partir das diversas metodologias, e as diferenças sistemáticas observadas entre os níveis de fecundidade correspondentes aos distintos grupos de cor, mais do que a confiança num único tipo de indicador, nos conduziram à confirmação das hipóteses elaboradas.

#### 7.4 Seleção das Unidades de Análise

Além de trabalhar a nível nacional, sempre que possível detalhamos informações para algumas unidades da Federação escolhidas como representantes dos diversos níveis de participação do grupo branco na composição de sua população: o mínimo seria para Bahia (22% de brancos), Minas Gerais em um nível intermediário (57%), São Paulo (75%) e Rio Grande do Sul (87%) com maior peso deste grupo. Por outra parte, os primeiros três estados mencionados dão conta de 47% da população preta registrada no Brasil em 1980. Se considerarmos as quatro Unidades selecionadas, residia nelas um pouco mais de 52% do total da população preta do Brasil, tanto em 1960 como para 1980.

## 8. Considerações Finais

Ao longo do trabalho surgiram algumas constatações e várias questões em aberto. Estas são:

1. Ficam claras as peculiaridades do comportamento reprodutivo das mulheres pretas com respeito aos outros grupos, o que impossibilita o tratamento conjunto de pardos e pretos como "população negra", como propuseram autores que trataram outros aspectos relacionados com a cor (Oliveira et alii, 1983).
2. Até os anos sessenta, a fecundidade da mulher preta foi sempre mais baixa que a da parda ou branca. Esta relação entretanto inverte-se a partir dos anos 70, no momento em que os níveis de fecundidade das mulheres brancas decrescem com maior intensidade.
3. A menor fecundidade das mulheres pretas está relacionada a dois fatores:
  - a) a menor proporção de mulheres pretas que se unem;
  - b) a menor proporção de mulheres prolíficas, mesmo entre aquelas em algum tipo de união. Seria este talvez um indicador de esterilidade?

Cabe acrescentar que as mulheres prolíficas, têm uma média de filhos maior que as brancas, para todos os

anos estudados, e sempre menor que a das pardas.

4. Detalhando-se no estudo das mulheres unidas, observa-se um grau maior de controle da fecundidade por parte das mulheres pretas com respeito às pardas.
5. O cruzamento com instrução permitiu duas constatações interessantes:
  - a) tomando-se inicialmente as mulheres sem instrução, pretas e pardas apresentam comportamento de fecundidade semelhante. Diferenciam-se entretanto das brancas, cuja fecundidade é menor.
  - b) comparando-se mulheres com escolaridade de 4 anos ou mais, os resultados são diferentes: neste nível de instrução, o comportamento reprodutivo da mulher preta assemelha-se ao da branca, mas diferencia-se do grupo pardo, cuja fecundidade tende a ser 20% maior. Será que as mulheres pretas que conseguem atingir esse nível de instrução seriam mais sensíveis aos valores culturais do grupo dominante?
6. Detendo-se nas Unidades da Federação, observa-se que:
  - a) em geral São Paulo, Minas Gerais e as vezes Rio Grande do Sul acompanham as constatações efetuadas;
  - b) Bahia é um caso diferente. As mulheres pretas tem fecundidade maior que os outros grupos a partir dos dados do ano de 1980, e, mesmo quando se controla por nível de

instrução não podem ser tiradas conclusões análogas às dos outros Estados, ou país em seu conjunto. A questão que surge a partir desta observação, é em que medida o nível de aceitação do preto na sociedade bahiana - onde a proporção de negros predomina - influe nestas diferenças observadas no comportamento reprodutivo.

7. O apelo a dados históricos permitiu também constatações interessantes. Assim comparando-se a estimativa de Slenes (1986) para a população escrava em 1872 com resultados do Censo de 80 (o único que permitia tal cálculo) chegamos surpreendentemente à resultados semelhantes. Slenes estimou em 138,0 a relação entre crianças nascidas no último ano em mulheres pretas de 15 a 44 anos; os dados de 80 apontam para a mesma relação (sem ajustes) o valor de 136,7. Comparando agora a estimativa "realista" de Slenes e a estimativa ajustada para 1980, chega-se igualmente à valores muito próximos - 166,3 e 164,0 -, respectivamente. Certamente trata-se de coincidência demais para ser real, mas é impossível resistir a tentação de enunciar a seguinte questão: existiu a transição de fecundidade na população de mulheres pretas no Brasil ao longo do século?

Alguns indicadores que pudemos calcular apontariam no sentido de mostrar que esta transição se existiu foi muito tenue. Assim, as taxas de fecundidade total para 1940 e 1980 passaram de 5.53 para 5.12 filhos por mulher ao final do período reprodutivo. Isto representa uma queda de

7%, pequena demais para um período de 40 anos, se comparada aos 43% que experimentou a população branca. Tomando outros indicadores, as diferenças são ainda menores. A fecundidade das pretas apresenta leves aumentos até 1960, e nos anos setenta começa a decrescer, porém suavemente, como mostra a análise conjunta desses indicadores e as pirâmides etárias (Bercovich, 1986). A comparação com dados dos EEUU soma-se em favor dessa hipótese, já que no século passado a fecundidade calculada por Farley para os escravos americanos superava em 53% o valor estimado para o Brasil (Slenes, 1987).

Finalmente, dentro da linha de somar argumentos em favor desta questão, vale a pena lembrar as considerações de Cleland e Wilson a respeito da existência de "esterilidade prevalente" entre as mulheres de Zaire e Cameroon. Ora, como sabemos, esta foi uma das áreas de procedência dos escravos brasileiros (Alencastro, 1987), tornando pertinente, portanto, a questão: será esta também uma característica da nossa população escrava? Será que a menor quota de prolíficas seria assim uma herança da escravatura? O conjunto de conclusões e as questões por elas sugeridas, mostram que há ainda um longo caminho a ser percorrido para entender o comportamento da fecundidade da mulher negra ao longo do século.

B I B L I O G R A F I A

- Alencastro, Luis Felipe, 1984 - Geopolítica da Mestiçagem - NOVOS estudos - nº 11 - CEBRAP - São Paulo.
- \_\_\_\_\_, 1987, História das populações africanas no Brasil. 1550 - 1850 - Anais da 39ª Reunião Anual - SBPC.
- Altmann, G. e Wong, Laura L.R., 1983 - Estimativas de fecundidade para o Brasil e suas Regiões a partir de Informações sobre nupcialidade e fecundidade marital in Informe Demográfico nº 9 - F.SEADE, São Paulo.
- Berquó, Elza S., Bercovich, Alícia e Tamburo, Maira S.G., 1986- Estudo da dinâmica demográfica da população Negra no Brasil, TEXTO NEPO nº 9 - NEPO - UNICAMP - Campinas.
- Bercovich, Alícia - 1986a. Sensibilidade das estimativas de fecundidade e mortalidade a alguns erros nas informações básicas - Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro, SP.
- \_\_\_\_\_, 1986b. Avaliação das Informações por cor nos Censos Demográficos Brasileiros - Mimeo - não publicado - NEPO/ UNICAMP.
- Brass, Willian et allii, 1968. "The Demography of Tropical Africa" - Princeton University Press.
- Carvalho, José Alberto M.de, 1974. Regional trends in fertility and mortality in Brasil. Population Studies, 28 (3).
- Cleland, e Wilson, C., 1987. Demand Theories of the fertility transition: an iconoclastic view - Population Studies, 41.
- Coale, Answey, 1971. Age Patterns of marriage, in Population Studies, 25 (2).
- \_\_\_\_\_, 1973. A Statistical Reconstruction of the black population of the United States, 1880 - 1970: estimates of the true numbers by age and sex, birth rates, and total fertility; in Population Index - vol. 39, nº 1.
- \_\_\_\_\_ and Trussell, 1974: "Model Fertility Schedules, V"

- Engerman, Stanley L., 1978. Changes in Black Fertility, 1880 - 1940, in Family and Population in Nineteenth - Century in America - Princeton University Press, Princeton.
- Miró, Carmem, 1983. América Latina, Transición demográfica y crisis económica, social y política, in Memórias del Congreso Latinoamericano de Población y Desarrollo - El Colegio ' de México - , México .
- Mortara, Giorgio, 1953 - A fecundidade das mulheres e a sobrevivência dos filhos nos diversos grupos de cor da população do Brasil, Estudos Demográficos nº 173 - IBGE, Rio de Janeiro.
- National Academy, 1983a. Levels and Recent Trends in fertility and mortality in Brazil - Washington, D.C.
- \_\_\_\_\_, 1983b. The Determinants of Brazil'S Recent Rapid Decline in Fertility - Washington, D.C.
- Oliveira, Lúcia H.G. de, Porcaro, R. e Araújo Costa, Teresa C., 1983. O lugar do Negro na força de trabalho - FIBGE, Rio de Janeiro.
- Oliviera. M.Coleta F.A. e SZMRECSÁNYI, M.Irene, 1980. Fecundidade in Dinâmica da População - T.A.Queiroz - São Paulo.
- Slenes, Robert W., 1986. As taxas de fecundidade da população ' escrava brasileira na década de 1870: estimativas e implicações. Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais.. Águas de São Pedro, SP.
- Tamburo, E.Maria Garcia, 1987. Mortalidade Infantil da População Negra Brasileira - 1960/1980 Notas Preliminares. UNICAMP (mi meo).

A autora agradece o apoio computacional de

SUZANA MARTA CAVENAGHI

MORTALIDADE INFANTIL DA POPULAÇÃO  
NEGRA BRASILEIRA  
1960 - 1980

ESTELA MARIA GARCIA TAMBURO

# MORTALIDADE INFANTIL DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA

1 9 6 0 - 1 9 8 0

Notas Preliminares

*Estela Maria Garcia Tamburo*

## 1. Introdução

Concebe-se a mortalidade, como a expressão final do processo saúde-enfermidade que caracteriza cada grupo em um momento histórico específico, como resultante da oposição entre condições favoráveis e desfavoráveis que a eles são impostas.

O trabalho sobre mortalidade da população preta brasileira, que constitui uma das partes da investigação desenvolvida no NEPO, pretende partir de um marco teórico interpretativo que permita concatenar os processos determinantes da formação das estruturas econômicas, social e cultural, com as condições materiais de vida dessa sub-população especificamente e dos brancos e pardos a título de comparação.

Tentar-se-á a construção de uma cadeia lógica de explicação (que inclua variáveis estruturais e intermediárias) dos diversos perfis de modos de viver e de morrer, de cada um dos sub-grupos considerados.

A primeira etapa do trabalho centralizar-se-á no estudo da mortalidade infantil entendida como fato social.

Estas notas preliminares têm como objetivo uma primeira exploração dos dados básicos que futuramente serão utilizados na investigação da mortalidade.

Este ensaio contém uma breve descrição das desigualdades encontradas nos níveis de mortalidade infantil das três sub-populações segundo a cor (preta, parda e branca), nível de instrução e estado conjugal das mães para Brasil e 4 Unidades da Federação que foram escolhidas para a descrição desses níveis, em um primeiro momento do trabalho: Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo.

No anexo são considerados alguns aspectos metodológicos referidos tanto à informação requerida para os cálculos como a técnica de estimativa escolhida.

## 2. Mortalidade Infantil e Alguns Diferenciais

### 2.1 - Mortalidade Infantil para o Brasil e algumas Unidades da Federação

Como é sabido, a mortalidade em geral e a infantil, em particular, tem evidenciado modificações em seus níveis, padrões e causas, em países considerados em via de desenvolvimento, desde o início do século.

O Brasil foi, sem dúvida, um destes países. Apresentando níveis de mortalidade infantil extremamente elevados, os quais tem diminuído sistematicamente graças, em parte, aos avanços na área médica, científica e tecnológica, assim como às mudanças produzidas nas esferas econômica-sociais do país.

Segundo estimativa de Frias e Rodrigues (1979) a probabilidade de morte desde o nascimento até o primeiro ano de idade decresceu 30% no período 1940/70 no Brasil. Isto, contudo, não implica que ao compará-lo com outros países, sejam desenvolvidos ou em desenvolvimento, seus níveis continuem sendo considerados relativamente altos.

Quando se analisa o comportamento desta variável demográfica em distintos contextos sócio-econômicos e sub-populações, também se observam diferentes tendências e níveis.

TABELA I - Mortalidade Infantil, Segundo Declaração de Cor das Mães (‰) - Brasil 1960 - 1980

|      | BRANCA | PARDA | PRETA | TOTAL | NEGROS <sup>(1)</sup> |
|------|--------|-------|-------|-------|-----------------------|
| 1960 | 105    | 151   | 140   | 122   | 148                   |
| 1980 | 77     | 105   | 102   | 89    | 105                   |

FONTE: FIBGE, Censos Demográficos 1960, 1980

(1) Se consideraram negros os declarados como pardos ou pretos

Como se observa na Tabela 1, a mortalidade dos menores de 1 anos decresceu nos últimos 20 anos independentemente da cor declarada pelas mães.

Em 1960 existiam marcadas diferenças de níveis dependendo da cor das mães;

- os filhos de mães brancas estavam sujeitos a uma mortalidade 44% menor com relação à correspondente aos filhos de mulheres pardas e 33% menor no caso das mulheres pretas.

Apesar que entre 1960 e 1980 a categoria parda mostra a maior redução no nível de mortalidade infantil (31%), esta assume somente em 1980 o nível que os brancos possuíam 20 anos antes.

Com relação às mães pretas, observa-se que seus filhos falecem antes do primeiro ano de vida a níveis ligeiramente inferiores aos de mães pardas. Este sub-grupo de cor conti-

nua em desvantagem em comparação com as mulheres brancas, apesar de ter reduzido 38 mortes para cada mil nascidos vivos, nos 20 anos estudados.

Segundo o censo de 1980, as diferenças encontradas em 1960 diminuem entre os distintos sub-grupos segundo a cor das mães, especialmente a que se refere às sub-populações brancas e pardas que reduzem o diferencial em favor da primeira para 36%. Mantém-se, contudo, a diferença de mortalidade entre as sub-populações branca e preta.

Ao se comparar os níveis observados entre as mães pardas e pretas, constata-se a diminuição da vantagem do sub-grupo preto, que caiu de 7% para apenas 3% em 1980.

Uma vez que a estrutura da população segundo a cor é bastante heterogenea nas distintas Unidades da Federação do país, consideramos, para a presente análise quatro delas, que representam, de certa forma, um gradiente quanto à proporção de brancos, pardos e pretos. Trata-se dos estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, nas quais, segundo o censo de 1960, a proporção de pretos varia de 17% a 6% respectivamente.

Da mesma forma como comprovado por BERQUÓ (1986) para o total da população brasileira, as Unidades de Federação alteraram a composição de suas populações por cor. Nos últimos vin-

te anos, em menor ou maior grau, em todas elas se observa a diminuição do peso relativo dos sub-grupos declarados como "brancos" e "pretos", favorecendo assim, sistematicamente os "pardos".

TABELA II - Participação Relativa da População segundo a Cor  
1960 - 1980

|               | 1960   |       |       | 1980   |       |       |
|---------------|--------|-------|-------|--------|-------|-------|
|               | BRANCA | PARDA | PRETA | BRANCA | PARDA | PRETA |
| Bahia         | 29     | 54    | 17    | 22     | 67    | 11    |
| Minas Gerais  | 59     | 29    | 12    | 57     | 35    | 8     |
| São Paulo     | 85     | 9     | 6     | 76     | 19    | 5     |
| Rio Grde. Sul | 91     | 4     | 5     | 88     | 8     | 4     |

FONTE: FIBGE, Censos Demográficos 1960 e 1980.

Na Tabela II se destaca a maior perda do sub-grupo branco em São Paulo (9 ponto percentuais) e na Bahia no mesmo sub-grupo (7%) o qual já em 1960 atingia o nível mais baixo das Unidades da Federação consideradas. É também neste último estado onde se nota a diminuição de 6 pontos percentuais experimentada pela sub-população preta nos últimos 20 anos considerados, que, embora sendo a mais significativa dos quatros casos não modifica a sua condição de região de maior proporção de negros.

A superioridade numérica da população declarada como "branca" no Rio Grande do Sul, São Paulo e em menor magnitude, em Minas Gerais se mantém desde 1960 até 1980; o mesmo ocorre

com os "pardos" na Bahia os quais sempre representaram mais da metade da população total do Estado. Em contrapartida, os "pretos", constituem, ao longo do tempo, o grupo minoritário em todas as Unidades estudadas.

Os comentários anteriores servem como introdução no tempo de nosso interesse a saber: os diferenciais de mortalidade infantil entre áreas nitidamente distintas tanto em termos de sub-composição por cor de sua população como em termos sócio-econômicos.

TABELA III - Mortalidade Infantil, segundo Declaração de Cor das Mães (°/°°) - 1960-1980

|               | 1960   |       |       |       | 1980   |       |       |       |
|---------------|--------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|-------|
|               | BRANCA | PARDA | PRETA | TOTAL | BRANCA | PARDA | PRETA | TOTAL |
| Bahia         | 128    | 143   | 147   | 139   | 81     | 95    | 105   | 93    |
| Minas Gerais  | 93     | 118   | 127   | 108   | 69     | 84    | 93    | 77    |
| Rio Grde. Sul | 64     | 91    | 101   | 68    | 49     | 59    | 68    | 51    |
| São Paulo     | 81     | 109   | 110   | 86    | 74     | 90    | 95    | 79    |

FONTE: FIBGE, Censos Demográficos 1960 e 1980

A observação dos valores contidos na Tabela III permite detectar a queda produzida na mortalidade infantil em todos os estados independentemente da cor. Merecem destaque especial os casos extremos da Bahia, que apesar de sustentar os níveis mais altos em 1960, conseguiu reduzi-la, em 33% em 20 anos e

São Paulo que, no mesmo período, experimentou redução de apenas 8%. Já Minas Gerais e Rio Grande do Sul permaneceram numa situação intermediária com reduções da ordem de 29% e 25% respectivamente.

Além disso, foram reduzidas as diferenças de níveis existentes entre as Unidades de Federação; assim, por exemplo, enquanto em 1960 a mortalidade dos menores de um ano na Bahia está 51% mais elevada que no Rio Grande do Sul, em 1980 este percentual baixou para 45%.

Quando na análise fazemos intervir a variável cor, fica evidente a diferença da mortalidade entre crianças de mães declaradas como "brancas", - com os menores níveis - e aquelas de mães pretas ou pardas, cujos níveis semelhantes e elevados apontam para uma posição relativa desvantajosa.

A título de exemplo, podemos citar o caso do Rio Grande do Sul, onde em 1960, as mães pretas sofriam uma perda de 37 filhos a mais que as brancas para cada mil crianças nascidas vivas. Em 1960 uma comparação semelhante leva a uma diferença de 24 filhos na Bahia e também em Minas.

Se buscamos identificar as maiores diminuições nos níveis de mortalidade infantil experimentadas por todas as sub-populações segundo a declaração de cor das mães entre 1960 e 1980 encontraremos que as "brancas" da Bahia a reduziram em

37%, enquanto as "pardas" e as "pretas" do Rio Grande do Sul, na ordem de 35% e 33%.

Em Minas Gerais foram as "pardas" que obtiveram a maior redução, 29%, o mesmo ocorrendo em São Paulo, onde este percentual alcançou 17%.

A mesma Tabela III mostra que ao controlarmos a variável cor em 1960, as mulheres "brancas" residentes na Bahia, em comparação com as "brancas" residentes no Rio Grande do Sul, apresentavam, para cada mil nascidos vivos, 64 mortes a mais de menores de um ano. Esta mesma situação se estende aos casos das "pardas" com 52 óbitos a mais, e pretas com 46.

Em 1980, a mesma comparação leva a diferenciais de 32 mortes a mais de crianças por cada mil nascidos vivos para as brancas da Bahia, assim como, 36 para as mães pardas e 37 para as pretas residentes neste mesmo estado.

Em princípio, este fenômeno seria reflexo das desigualdades nas condições materiais de vida das populações de cada área, o que, por sua vez, seriam produtos de diferenças estruturais, tanto econômicas como sociais, que apresentam as distintas Unidades da Federação consideradas.

Esta e outras hipóteses serão objeto de comprovações em um próximo estudo sobre o tema que será desenvolvido em breve no NEPO.

## 2.2 - Alguns Diferenciais da Mortalidade Infantil

Como se nota na Tabela IV, a população feminina brasileira em idade fértil apresenta distribuição mais ou menos homogênea, nas categorias "sem instrução", "1 a 3 anos" (primário incompleto) e "8 anos e mais" (ginásio ou 1º grau completo), enquanto que a maior concentração dá-se na classe de mulheres com 4 a 7 anos de estudos (primário completo).

TABELA IV - Porcentagem de Mulheres de 15 a 49 anos, Segundo o Nível de Instrução e Cor - Brasil 1980

| NÍVEL DE INSTRUÇÃO | COR          |              |             |              |              |
|--------------------|--------------|--------------|-------------|--------------|--------------|
|                    | BRANCA       | PARDA        | PRETA       | TOTAL        | NEGRA        |
| S/INSTRUÇÃO        | 14           | 35           | 36          | 23           | 35           |
| 1 - 3 ANOS         | 19           | 23           | 24          | 20           | 23           |
| 4 - 7 ANOS         | 37           | 29           | 30          | 34           | 29           |
| 8 ANOS ou +        | 30           | 13           | 10          | 23           | 13           |
| T O T A L          | 100%         | 100%         | 100%        | 100%         | 100%         |
|                    | (16.656.362) | (10.533.163) | (1.720.165) | (28.909.690) | (12.253.328) |

FONTE: Tabulação especial do Censo Demográfico, 1980

Quando esta mesma análise é efetuada segundo a cor que declararam as mulheres, fica evidente a desigualdade existente entre os sub-grupos, no que se refere às possibilidades de incorporação ao sistema educativo formal.

A população feminina branca aumenta sua participação relativa à medida que se eleva o nível de instrução, sendo que 67% delas possuem no mínimo o primário completo.

Já as pardas e pretas apresentam a maior proporção de pessoas na categoria "sem instrução", onde também se observa a maior diferença com relação às brancas (cerca de 2,5 vezes), e a menor concentração no grupo de ginásio completo.

TABELA V - Mortalidade Infantil (%/1000), Segundo Declaração de Cor e Instrução das Mães - Brasil 1980

| NÍVEL DE INSTRUÇÃO | COR    |       |       |       |       |
|--------------------|--------|-------|-------|-------|-------|
|                    | BRANCA | PARDA | PRETA | TOTAL | NEGRA |
| S/INSTRUÇÃO        | 95     | 110   | 120   | 107   | 112   |
| 1 - 3 ANOS         | 85     | 93    | 101   | 90    | 94    |
| 4 - 7 ANOS         | 69     | 84    | 86    | 76    | 84    |
| 8 ANOS ou +        | 57     | 70    | 82    | 62    | 71    |

FONTE: Tabulação especial Censo Demográfico, 1980

Uma vez mais fica demonstrado que a variável educação das mães (medida neste caso através do indicador anos de instrução alcançado), é condicionante da mortalidade infantil (Behm, H., 1978). Na Tabela V se observa o descenso do nível de mortalidade dos menores de um ano, à medida que a mãe atinge patamares superiores de instrução. Assim, no total da popu-

lação brasileira, se conseguiria evitar 45 mortes para cada mil nascidos vivos se a mãe em vez de não ter instrução, completasse no mínimo o ginásio.

Quando se faz intervir na análise a variável cor ficam em evidência uma vez mais, as diferenças de níveis de mortalidade infantil da sub-população branca com relação à parda e à preta - esta última com níveis superiores aos brancos em todas as categorias do nível de instrução.

É interessante destacar que as mulheres pardas alcançam níveis similares aos das brancas, com defasagens apenas de uma categoria imediatamente superior de instrução. Assim, a mortalidade infantil dos pardos com "primário incompleto" é bem próximo àquela dos brancos "sem instrução"; também na classe de "primário completo" os pardos atingem valores parecidos aos dos brancos com "primário incompleto"; por último, os brancos com "primário completo" experimentam nível de mortalidade na infância similar ao dos pardos com "ginásio completo" (ou primeiro grau completo).

O comportamento das mulheres pretas assemelha-se mais ao das pardas, contudo, sempre apresentando níveis superiores a estas últimas. A maior redução dos níveis de mortalidade infantil das mulheres pretas, segundo a instrução, e dá da passagem daquelas "sem instrução" para as de "primário incompleto".

**TABELA VI** - Mortalidade Infantil (‰), Segundo a Cor e Estado Conjugual das Mães <sup>(1)</sup> - Brasil 1980

| ESTADO CONJUGAL | COR    |       |                  |
|-----------------|--------|-------|------------------|
|                 | BRANCA | PARDA | PRETA            |
| SOLTEIRA        | 130    | 164   | 164              |
| UNIDAS          | 62     | 86    | 94               |
| SEPARADA        | 79     | 81    | 85               |
| VIÚVA           | 100    | 130   | ( <sup>2</sup> ) |

FONTE: Tabulação especial, Censo Demográfico, 1980.

(1) - Por problemas na informação, considerou-se diretamente as mães.

(2) - Número reduzido de casos na amostra de 3%.

A sub-população branca volta a experimentar os mais baixos níveis de mortalidade infantil, em comparação com a par- da e preta.

As mulheres declaradas como unidas (foram considera- das nesta categoria as mulheres casadas e unidas concensual- mente) e de cor branca são as mais privilegiadas no que diz respeito à mortalidade nos primeiros anos de vida de seus fi- lhos, enquanto que as mulheres solteiras pardas e pretas são as mais desfavorecidas.

É importante notar também a semelhança do nível apresentado pelas mães separadas nos três grupos de cor, sendo

este o único caso em que as diferenças entre brancos, pardos e pretos se reduzem sensivelmente. Deve-se frisar, por último, o elevado nível de mortalidade dos filhos de mães viúvas, cujos valores situam-se relativamente próximos aos das solteiras independentemente da cor.

TABELA VII - Mortalidade Infantil (‰), Segundo Declaração de Cor e Instrução das Mães - Brasil 1980

| ESTADO                    | BAHIA  |       |       | MINAS GERAIS |       |       |
|---------------------------|--------|-------|-------|--------------|-------|-------|
|                           | BRANCA | PARDA | PRETA | BRANCA       | PARDA | PRETA |
| <b>COR</b>                |        |       |       |              |       |       |
| <b>NÍVEL DE INSTRUÇÃO</b> |        |       |       |              |       |       |
| S/INSTRUÇÃO               | 79     | 101   | 114   | 85           | 87    | 116   |
| 1 - 3 ANOS                | 97     | 90    | 98    | 75           | 66    | 90    |
| 4 - 7 ANOS                | 86     | 85    | 88    | 63           | 79    | 80    |
| 8 ANOS ou +               | 85     | 87    | 76    | 60           | 44    | 75    |
| <b>T O T A L</b>          |        |       |       |              |       |       |

| ESTADO                    | SÃO PAULO |       |       | RIO GRANDE DO SUL |       |       |
|---------------------------|-----------|-------|-------|-------------------|-------|-------|
|                           | BRANCA    | PARDA | PRETA | BRANCA            | PARDA | PRETA |
| <b>COR</b>                |           |       |       |                   |       |       |
| <b>NÍVEL DE INSTRUÇÃO</b> |           |       |       |                   |       |       |
| S/INSTRUÇÃO               | 100       | 113   | 119   | 69                | 71    | 70    |
| 1 - 3 ANOS                | 81        | 88    | 92    | 52                | 63    | 67    |
| 4 - 7 ANOS                | 70        | 74    | 87    | 51                | 38    | 63    |
| 8 ANOS ou +               | 62        | 68    | 61    | 36                | -     | 92    |
| <b>T O T A L</b>          |           |       |       |                   |       |       |

FONTE: FIBGE, Censo Demográfico, 1980

Na Tabela VII, observa-se que nas quatro Unidades de Federação cumpre-se a tendência esperada, no sentido da diminuição do nível da mortalidade infantil à medida que as mães alcançam níveis superiores de instrução, independentemente da cor que tenham declarado. A maior diminuição foi experimentada pelas mães "pretas" residentes em São Paulo, as quais, apresentam redução de 58 mortes de menores de 1 ano, para cada 100 nascidos vivos, quando se passa da categoria "sem instrução" para de "8 anos ou mais".

É interessante destacar que os filhos de mães pretas sem instrução residentes na Bahia, Minas Gerais e São Paulo alcançaram níveis de mortalidade superior, em torno de 40%, às mães classificadas nas mesmas categorias e residentes no Rio Grande do Sul. Este fato estaria mostrando os diferenciais existentes em termos da "qualidade de vida" da população segundo residam em um ou outro estado, que, por sua vez, é resultado de diferenças estruturais entre estas áreas.

### 3. Comentários Finais

A população brasileira em 1960 estava exposta a um risco relativamente elevado de morrer entre o nascimento e o primeiro ano de vida, risco este que experimentou tendência de diminuição nos últimos 20 anos.

O comportamento da mortalidade infantil segundo as características de cor declarada pelas mães, apresenta desigualdades significativas. Em trabalhos posteriores tratar-se-á de explicitar que este fenômeno de desigualdade é produto de distintas condições materiais de vida de cada um dos sub-grupos.

Quando se analisou o comportamento de mortalidade na infância, segundo a cor e nível de instrução das mães, encontrou-se grande variabilidade nos níveis desta variável. Em geral, a mortalidade nos primeiros anos de vida decresce à medida que se eleva o nível de instrução alcançado pela mãe, sendo os mais afetados os grupos de pretos e pardos sem instrução.

As desigualdades assinaladas somente tenderão a desaparecer, quando se produzirem modificações na estrutura econômico-social, o que permitiria uma redistribuição mais equitativa dos benefícios do desenvolvimento entre toda a população e,

portanto, nas condições materiais de vida.

## 4. Aspectos Metodológicos

### 4.1 - Dados Básicos

A informação necessária para o presente estudo provem basicamente dos Censos Demográficos de 1960 e 1980. Em ambos os casos as perguntas sobre paridade e sobrevivência dos filhos, insumos indispensáveis para o cálculo indireto da mortalidade infantil, foram levantados através de um questionário aplicado apenas a uma amostra de aproximadamente 25% do universo.

Devido a problemas de disponibilidade de dados para certas Unidades de Federação, o censo de 1960 não considera o total da população brasileira. Portanto, trabalhou-se com sub-totais que não consideravam os seguintes estados: Maranhão, Espírito Santo, Piauí, Guanabara, Santa Catarina, Rondônia, Roraima, Amapá, Amazonas e Pará.

Foram também calculados sub-totais para o censo de 1980 não considerando as Unidades de Federação anteriores, tornando-o, assim, comparável ao de 1960, de modo a possibilitar uma análise diacrônica da mortalidade infantil nas distintas sub-populações consideradas. Quando a análise centralizou-se exclusivamente em 1980, se considerou o total dos Estados.

Por razões operacionais se decidiu trabalhar com uma sub-amostra de 3% do Censo Demográfico de 1980, exceto quando os dados publicados pela FIBGE, correspondentes à amostra de 25%, respondiam às necessidades da investigação.

Como na pergunta sobre o número total de filhos tidos do Censo de 1960 não se diferenciou os nascidos vivos dos nascidos mortos, recorreu-se a um trabalho da National Academy Press (1983) onde é proposto um modelo para recuperação desta informação para os Censos de 1950 e 1960, tornando-a compatível com a dos Censos de 1940 e 1970.

Com referência aos dados específicos sobre fecundidade retrospectiva de 1960 e 1980, observou-se o comportamento das séries das proporções de filhos mortos (DL) segundo a idade das mães.

TABELA VIII - Proporção de Filhos Mortos, Classificados Segundo Idade e Cor das Mães - Brasil 1960-1980

| IDADE<br>MÃES | COR/<br>CENSO | BRANCA   |          | PARDA    |          | PRETA    |          | TOTAL    |          |
|---------------|---------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
|               |               | 1960     | 1980     | 1960     | 1980     | 1960     | 1980     | 1960     | 1980     |
| 15-19         |               | 0.105511 | 0.096545 | 0.157971 | 0.121654 | 0.137748 | 0.130333 | 0.125125 | 0.114341 |
| 20-24         |               | 0.122456 | 0.083936 | 0.188508 | 0.116275 | 0.171666 | 0.120912 | 0.146003 | 0.099811 |
| 25-29         |               | 0.135227 | 0.078676 | 0.211156 | 0.120216 | 0.193951 | 0.122511 | 0.162216 | 0.099634 |
| 30-34         |               | 0.153011 | 0.083552 | 0.234052 | 0.134978 | 0.215352 | 0.135271 | 0.181246 | 0.109077 |
| 35-39         |               | 0.179648 | 0.095301 | 0.254577 | 0.153881 | 0.236907 | 0.149953 | 0.206500 | 0.124807 |
| 40-44         |               | 0.196816 | 0.110556 | 0.268883 | 0.178176 | 0.258267 | 0.172273 | 0.222496 | 0.145279 |
| 45-49         |               | 0.216789 | 0.123698 | 0.285821 | 0.200586 | 0.275057 | 0.191168 | 0.240704 | 0.159420 |

FONTE: Tabulação especial dos Censos Demográficos, 1960-1980

Como mostra a Tabela VIII as séries de 1960, independentemente da variável cor, apresentam a tendência esperada: valores crescente à medida que aumenta a idade da mãe. Este comportamento se deve a duas razões básicas, a saber:

1º - Os filhos de mães com mais idade estiveram expostos por maior tempo ao risco de morte;

2º - Se aceitarmos que a mortalidade tem diminuído, os filhos de mulheres com idade mais avançadas estiveram expostos a níveis mais altos de mortalidade.

Já na série de 1980, chamam a atenção as irregularidades encontradas nos primeiros grupos de idade das mães, especialmente a semelhança dos valores observados para as mulheres de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos, fenômeno que se repete em todas as sub-populações segundo a cor.

Outro aspecto a considerar se refere ao fato de que no grupo de 25 a 29 anos se observa a maior porcentagem de mulheres que não responderam alguma das perguntas de fecundidade (3,2%), o que poderia estar afetando a qualidade dos dados obtidos entre as mulheres deste grupo de idade<sup>(1)</sup>.

Decidiu-se utilizar como medida resumo da mortalidade infantil, aquela estimada a partir da informação básica referente às mulheres de 20 a 24 anos.

(1) - Para maior esclarecimento sobre a qualidade dos dados obtidos de fecundidade do Censo Demográfico de 1980, ver Arretx, C. e Leite, V.M., "Compatibilização das estruturas por sexo e idade apresentadas pelo Censos Demográficos Brasileiros" (1982).

Ante a impossibilidade de detectar no Censo Demográfico a cor dos respectivos filhos, se analisou neste trabalho a mortalidade infantil assumindo as características das mães com relação a esta variável.

#### 4.2 - Técnicas de Mensuração

Visando tornar possível a análise da mortalidade infantil referente a determinadas características da população em estudo - todas elas disponíveis na mesma fonte de dados, o Censo - a estimativa desta variável demográfica efetuou-se através da técnica indireta proposta por Trussel (1975).

Este procedimento, que se deriva da versão original proposta por Brass (1968), permite, além de estimar os níveis de mortalidade, determinar os anos aos quais correspondem essas medidas.

É importante frisar que esta técnica indireta parte de alguns pressupostos básicos como: níveis de mortalidade e fecundidade constantes num passado recente; a não associação tanto entre mortalidade das mães e a de seus filhos, como entre a idade da mãe e a mortalidade infantil. Contudo, ainda que não se cumpram estritamente tais pressupostos técnicos, trabalhos como da ONU (1967) demonstram que os resultados podem ser considerados como aproximações satisfatórias de valor real, dependendo, sim, muito mais da qualidade da informação básica utilizada.

Foram utilizadas as tábuas de vida modelo elaboradas por Coale & Demeny (1966), especificamente as correspondentes à família Sul, aceitando as considerações feitas por

Leite (1978) em seu trabalho sobre níveis e tendências da mortalidade no Brasil.

## 5. Bibliografia

- BEHM, H. "La mortalidad en los primeros años de vida en países de la América Latina - Argentina 1966-1967". CELADE - Costa Rica.  
1978
- BERQUÓ, E., BERCOVICH, A., TAMBURRO GARCIA, E.M. "Estudo da Dinâmica Demográfica da População Negra no Brasil". Núcleo de Estudos de População - NEPO - UNICAMP . Campinas.  
1986
- BRASS, W. "The demography of Tropical Africa". Princeton  
1968
- COALE, A & DEMENY, P. "Regional model life tables and stable". Princeton.
- FRIAS, L.A. e RODRIGUES, P. "Filhos tidos nascidos mortos. Um modelo de recuperação das informações censitárias de 1950 e 1960". Revista Brasileira de Estatística.  
1979
- I B G E Metodologia do Censo Demográfico de 1980 - v. 4.  
1983
- GUIMARÃES, R. "Saúde e Medicina no Brasil". Contribuição para um debate.  
1976
- LEITE, V. "Observações sobre a declaração de filhos tidos nascidos mortos". Revista Brasileira de Estatística.  
1973
- 1978 "Níveis e tendências da mortalidade e da fecundidade no Brasil a partir de 1950". In: Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Anais do I Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo.
- NATIONAL ACADEMY PRESS "Levels and Recent Trends in Fertility and Mortality in Brazil". Washington.  
1983

ONU "Method of estimating basic demographic measures  
1967 from incomplete data". New York.

TRUSSEL, J. "A re-estimation of the multiplying factors for  
1975 the Brass technique for determining childhood  
survivorship rates". Population Studies. London.

**LISTA DE PUBLICAÇÕES**  
**NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO**

## CADERNOS JÁ PUBLICADOS NA SÉRIE: TEXTOS NEPO

- TEXTOS NEPO 1** - *Questões Demográficas no Período Cafeeiro em São Paulo*  
autora: Maria Coleta F.A. de Oliveira
- TEXTOS NEPO 2** - *Perfil Sócio-Econômico de Rio Claro (Relatório de Pesquisa)*  
autores: John Marion Sydenstricker  
Maria Isabel Baltar da Rocha  
Ralph Hakkert
- TEXTOS NEPO 3** - *Alguns Problemas Teórico-Methodológicos dos Estudos de População na América Latina*  
autores: João Carlos Duarte  
Lília T. Montali  
Maria Coleta F.A. de Oliveira  
Neide Lopes Patarra
- TEXTOS NEPO 4** - *Malthus x Marx: falso encanto e dificuldade radical*  
autor: Francisco de Oliveira
- TEXTOS NEPO 5** - *Café, Ferrovia e População: Processo de Urbanização em Rio Claro*  
autores: Daniel J. Hogan  
Maria Coleta F.A. de Oliveira  
John Marion Sydenstricker
- TEXTOS NEPO 6** - *Sobre o Declínio da Fecundidade e a Anticoncepção em São Paulo: Análise Preliminar*  
autora: Elza S. Berquó

**TEXTOS NEPO 7** - *A Fecundidade no Colonato de São Paulo no Início do Século XX: Uma aplicação do Método dos Filhos Próprios*  
autor: Ralph Hakkert

*Uma Fonte para os Estudos de População: Os Registros da Hospedaria dos Imigrantes*

autoras: Maria Silvia C.B. Bassanezi  
Rosana Baeninger

**TEXTOS NEPO 8** - *Família e Força de Trabalho no Colonato. Subsídios para Compreensão da Dinâmica Demográfica no Período Cafeeiro*  
autora: Maria Silvia C.B. Bassanezi

**TEXTOS NEPO 9** - *Estudo da Dinâmica Demográfica da População Negra no Brasil*

autoras: Elza Berquó  
Alícia M. Bercovich  
Estela Maria Garcia

**TEXTOS NEPO 10** - *Repensando a Transição Demográfica: Formulações, Críticas e Perspectivas de Análise*

autores: Neide Lopes Patarra  
Carlos Eugênio C. Ferreira

**TEXTOS NEPO 12** - *Dinâmica Demográfica e Poluição Ambiental*  
(no prelo) organizador: Daniel J. Hogan

#### **OUTRAS PUBLICAÇÕES**

**Anais do Seminário Latino-Americano sobre População e Saúde**  
Vol. I e II

organizadoras: Elza Berquó  
Neide Lopes Patarra